



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

VERIDYANE ALVES DE SOUSA

**A Economia Solidária e a Educação Popular. Relatos de
Experiências em uma Associação no Distrito Federal**

BRASÍLIA-DF

2014

VERIDYANE ALVES DE SOUSA

**A Economia Solidária e a Educação Popular. Relatos de
Experiências em uma Associação no Distrito Federal**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Doutora Sônia Marise Salles Carvalho, como Requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BRASÍLIA- DF

2014.

VERIDYANE ALVES DE SOUSA

**A Economia Solidária e a Educação Popular. Relatos de
Experiências em uma Associação no Distrito Federal**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Doutora Sônia Marise Salles Carvalho, como Requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho - UnB
Orientadora

Prof.^a. Dra. Iracilda Pimentel Carvalho - UnB
Examinador

Psic. Me Thiago Magalhães Pereira Souza - UnB
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão do mesmo, principalmente, aquele que acompanhou de perto, toda a trajetória de minha graduação, ao meu amado filho: Joaquim Dominicky...

...Entre as coisas mais lindas que eu conheci
Só reconheci suas cores belas quando eu te vi
Entre as coisas bem-vindas que já recebi
Eu reconheci minhas cores nela, então eu me vi.

Nando Reis

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO:

Primeiramente, a Deus que me deu forças para suportar e enfrentar as dificuldades que apareceram no decorrer do caminho;

A minha família, pais e irmãos, que com os encontros e desencontros foram quem me deram a base para ser, quem sou hoje;

Ao meu irmão mais velho, Elias Emanuel, que é uma inspiração para os meus passos, e quem sempre está disposto a me auxiliar;

Aos meus parentes que mesmo espalhados por esse Brasil, comportam os laços de sangue e ternura que trago comigo;

Ao amor que em forma de “anjo”, e com seus erros e acertos, me impulsionou a buscar uma nova forma de viver, e de onde brotou o meu maior tesouro, e por quem hoje busco ser melhor e dar o melhor de mim;

A meu filho, Joaquim Dominicky, por sua compreensão diária, por todos os dias de aulas, apresentações, avaliações, exposições em que você esteve ao meu lado. Pelos dias que acordarmos com o cantar do galo e dormimos com o tardá da noite. E a Deus por ser mãe de um ser tão iluminado, sempre cheio de alegria, energia, carinho e ternura para distribuir. Aproveito para parabeniza-lo por ser uma pessoinha tão forte. Te amo!

Aos Programas Educacionais que me proporcionaram o egresso e permanência no Ensino Superior;

As Instituições que frequentei: Faculdade Cecap, Universidade Católica de Brasília e Universidade de Brasília, as quais foram essenciais para minha formação;

Aos meus mestres, além do agradecimento, desejo que Deus os abençoe por todos os esforços dedicados na formação de sujeitos críticos e participativos;

Aos servidores que muitas das vezes passam despercebidos na correria do dia a dia, mas efetivamente estão presentes no processo de formação e assim fazem parte dessa história;

Aos amigos que compreenderam minha ausência aos encontros, e que me deram suporte ao processo, como também aqueles que não entenderam o meu afastamento, desfazendo os laços de união, esses realmente me fizeram entender o que é amizade;

As amizades brotadas nas Universidades, principalmente a minha querida Susana Alves, há quem muito me ensinou, inspirou e incentivou;

A Associação Atlética de Santa Maria por acolher o grupo e se sensibilizar com as necessidades da comunidade, buscando a cada dia novas alternativas para melhoria da mesma;

A Banca Examinadora que se fez presente nesse processo, ou pela presença de professores que tive contato em outras disciplinas, ou simplesmente, mais de muita importância, à disponibilidade em compor a mesa, e

A minha querida orientadora Sônia que sempre está disposta a auxiliar nas diversas necessidades dos que a ela recorrem.

O papel fundamental das pessoas comprometidas com a ação cultural que visa à conscientização não é falar corretamente, para fabricar a ideia libertadora, mas convidar as pessoas a se apoderarem, com suas próprias mentes, da verdade de sua realidade.

(Autor desconhecido interpretando Paulo Freire)

SOUSA, Veridyane Alves de. A Economia Solidária e a Educação Popular. Relatos de Experiências em uma Associação no Distrito Federal. Brasília. Dezembro, 2014.

RESUMO

O presente trabalho busca uma aproximação entre a Economia Solidária e a Educação Popular, a partir de experiências pedagógicas desenvolvidas em uma Associação no Distrito Federal, que atua como alternativa a uma comunidade com direitos humanos ausentes na vida de seus membros, em um mundo onde o capitalismo é hegemônico e causa grandes desigualdades sociais. Nessa perspectiva a educação escolar pode se tornar um processo de consolidação e continuidade do poder dominante. A Economia Solidária na perspectiva da Educação Popular nos parece ser uma solução viável para a busca de uma sociedade mais democrática e igualitária. Conceitos estes enraizados nos movimentos populares, do qual essa pesquisa toma pra si, os processos educativos. Nesse sentido, o papel social da Universidade desenvolve-se por meio de projetos acadêmicos, cuja metodologia da pesquisa-ação contempla a interação dos sujeitos (pesquisador-participante) na transformação da realidade pesquisada e contribui para a formação de um pedagogo mais ético, mais colaborativo e mais justo.

Palavras-chaves: Educação Popular, Economia Solidária e Pedagogia.

ABSTRACT

This paper seeks a rapprochement between the Solidarity Economy and Popular Education, from educational experiences in an association in the Federal District, which acts as an alternative to a community with human rights absent in the lives of its members, in a world where capitalism is hegemonic and cause great social inequalities. From this perspective, education can become a process of consolidation and continuity of dominant power. The Solidarity Economy in Popular Education of perspective seems to be a viable solution to the search for a more democratic and egalitarian society. These concepts rooted in the popular movements, of which this research takes for himself, the educational processes. In that sense, the social role of the university is developed through academic projects, whose action research methodology involved the interaction of the subjects (participant-researcher) in the transformation of reality studied and contributes to the formation of a more ethical educator, more collaborative and fairer.

Keywords: Popular Education, Solidarity Economy and Pedagogy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Comparação da População Urbana de Santa Maria.....	45
Figura 2 - Oficinas de Artesanato.....	52
Figura 3 - Canteiros da Horta.....	54
Figura 4 - Oficina de Crochê.....	55
Figura 5 – Aulas de Reforço Escolar.....	57
Figura 6 – Página da Associação na Internet.....	59
Figura 7 – Página de orientações da disciplina.....	60
Figura 8 – Evento Beneficente I.....	60
Figura 9 – Evento Beneficente II.....	61
Figura 10 – Sábado Animado.....	63
Figura 11 – Oficina de Artesanato.....	65
Figura 12 – Aulas de Reforço.....	65
Figura 13 – Aula de Esportes.....	66
Figura 14 – Fechamento do semestre.....	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ES	Economia Solidária
EP	Educação Popular
UNB	Universidade de Brasília
UCB	Universidade Católica de Brasília
AASM	Associação Atlética de Santa Maria
GT	Grupo de Trabalho
SubGT	Subgrupo de Trabalho
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
BSB	Brasília
HRG	Hospital Regional do Gama
CCB	Centro Cultural de Brasília
DDS	Departamento de Desenvolvimento Social
LIEE	Laboratório de Informática da Educação Especial
PROUNI	Programa Universidade para Todos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio

Sumário

APRESENTAÇÃO	12
PARTE I – MEMORIAL	14
IMPRESSÕES DE MEU PROCESSO EDUCATIVO.....	14
PARTE II – MONOGRAFIA	25
A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A EDUCAÇÃO POPULAR. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM UMA ASSOCIAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL	25
CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES.	26
1.1. A Educação Popular e o nascimento da Economia Solidária	26
1.2. A Economia Solidária e a Educação Popular	33
1.3. A ES COMO ATO PEDAGÓGICO: RESGATE DA EP.....	39
CAPÍTULO 2 – RELATO DAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA - AASM.....	43
2.1 Breve Histórico Da Região Administrativa XIII – Santa Maria	44
2.2 A Associação Atlética De Santa Maria - AASM	46
2.3 O papel social da UnB, sob a luz da ES.....	48
2.4 Relatos de Experiências Pedagógicas na AASM	50
2.4.1 Primeira Experiência – Experiências do 1º Semestre	51
2.4.2 Segunda Experiência - Experiências do 2º Semestre	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	71
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXOS	76

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é requisito parcial a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, e versa sobre uma pesquisa-ação realizada em uma Associação no Distrito Federal, durante dois semestres letivos, com enfoque direcionado para uma aproximação teórico-prática dos conceitos da Educação Popular na perspectiva das suas relações com a Economia Solidária e vice versa, no ato pedagógico, a partir das experiências por mim vivenciadas.

A sociedade capitalista é responsável por gerar grandes diferenças sociais, que leva a supressão/negligência dos direitos humanos da população. Nesse aspecto a Associação pesquisada surge no intuito de remediar, prevenir e promover, por meio da Economia Solidária juntamente com o a Educação Popular no viés da Educação Libertadora proposta pelo educador Paulo Freire, uma educação emancipatória, pautada nos princípios da solidariedade e da cooperação.

Nesse sentido o objetivo geral dessa pesquisa é verificar como ocorre a relação entre a Educação Popular e a Economia Solidária nos espaços educativos da Associação, para tanto é necessário primeiramente compreender como essa educação está inserida no ambiente. Quais os princípios da Economia Solidária são desenvolvidos e a relação, destes com a Educação Popular, e ainda, como a mesma contribui para a formação do pedagogo em Economia Solidária.

A estruturação do presente TCC é composta por três partes, como exige a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

A primeira parte é composta pelo memorial acadêmico/socioeducativo, no qual relato partes da trajetória de minha vida pessoal e acadêmica, as quais foram muito importantes para meu ingresso no Ensino Superior e, por conseguinte na UnB, como também, para a escolha da temática abordada no referido trabalho.

Na segunda parte realizo reflexões conceituais históricas e teóricas, tomando como base para o meu trabalho um diálogo entre Economia Solidária e Educação Popular, e sua consolidação no campo pedagógico. Por conseguinte, apresento o local de pesquisa-ação, a Associação Atlética de Santa Maria (AASM), e exponho o relato das experiências empreendidas e vivenciadas, por mim.

A terceira e última parte, aborda as minhas perspectivas profissionais futuras em minha área de atuação.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a de pesquisa-ação na qual o pesquisador assume uma estreita relação com os sujeitos e participa de forma ativa no processo. Segundo, as teorias de Oliveira e Thiollent.

PARTE I – MEMORIAL

IMPRESSÕES DE MEU PROCESSO EDUCATIVO

ESBOÇOS DE MINHA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Bom! Meu nome é Veridyane, sou natural de Fortaleza - CE, igualmente aos meus pais: Elias e Vera, ambos com Ensino Fundamental Incompleto (antigo secundário) e meus irmãos que, somam a cinco. Apresento-lhes por ordem decrescente: Elias, Verilany, Davy, José e Verônica. Devo confessar que, ao escrever estas primeiras palavras, sinto-me um tanto desconfortável, pois, diferentemente de alguns memoriais pesquisados não recordo-me muito da minha vida escolar na infância.

Lembro-me vagamente da minha primeira série, a professora tinha por nome Áurea, já de idade e fisionomia "tradicional". As atividades eram feitas no Mimeógrafo e ainda, recordo-me do cheirinho de tinta, lembro também que eu era bem levada, sempre ativa e cheia de energia para gastar. Recordo-me da minha festa de ABC pelas fotos registradas por minha mãe, a qual mesma cheia de tarefas sempre fez o possível para nos proporcionar uma boa educação.

Não sei se já na infância tinha gostos voltados para docência, mas lembro-me que brincava com algumas coleguinhas de professora. Tenho uma tia aposentada que exerceu o magistério por mais de 30 anos e, eu achava legal a relação que ela tinha com seus estudantes, como também, ficava por vezes a admirar ela a corrigir provas.

Recordo-me hoje, pois, até então era inconscientemente a admiração que tenho, desde cedo, por professores que dominam o conteúdo e exercem por prazer a profissão. Marcaram-me na passagem para a adolescência à professora de inglês da 7º série, e os professores de química, matemática e biologia do pré-vestibular.

Aos 7 anos comecei fazer aulas de balé em uma ONG para crianças carentes em Fortaleza/CE. Além das aulas de dança tínhamos o incentivo para os estudos e oportunidades culturais. Permaneci nesta instituição por 4 anos, onde tive atividades de dança, atividades de reforço escolar, assistência médica, incentivo a leitura, pois, o ambiente dispunha de uma biblioteca, incentivo ao aprendizado de um segundo idioma, entre outros.

Com a mesma faixa etária comecei a auxiliar minha mãe, na Economia informal, visto que, a mesma encontrava-se desempregada. Desse modo, a solução

viável foi à venda de lanches no centro da cidade Assim, dividia meu tempo entre o trabalho, o balé e os estudos. Minha mãe veio de uma criação muito rígida, e isso se refletiu na educação dos filhos, e por passar tempo demais fora de casa, e nos finais de semana cuidar do lar, não me era permitido interagir com as crianças em brincadeiras de rua, algumas exceções eram abertas, contudo os privilegiados eram para os meus irmãos do sexo masculino.

Aos 14 anos a contra vontade me mudei para o Distrito Federal, visto que, parte da família de meu pai morava na região, e o mesmo se encontrava a dois anos residindo em Santa Maria. O que motivou a vinda de meu pai foi à oportunidade de emprego, logo, após se sentir estabilizado mandou buscar o restante da família, tendo já em vista um emprego para minha mãe. A chegada em no Distrito Federal me assustou desde a mudança climática, a qual demorou anos para me acostumar, como o estilo de vida de seus moradores, muito reservado em suas próprias vidas. Diferentemente do Ceará, em que há um contato maior entre as pessoas, vizinhos, amigos, etc. As relações são mais acolhedoras.

Um outro choque foi o ambiente em que iríamos morar, apesar de emprego fixo, meus pais não tinham condições de alugar ou comprar uma casa, sendo assim, tivemos que residir no galpão de uma antiga fábrica que nos foi cedido. Muitos foram os esforços, para tentar transformar o ambiente no mínimo acolhedor. Tivemos que improvisar divisórias com cortinas de TNT, os poucos móveis foram cedidos por parentes e amigos, as roupas comprávamos em bazares, enfim, com o tempo, fomos nos ajeitando, sempre lembrado que o importante era estarmos juntos, e trabalhando a cada dia para o melhor. Foi nessa época que percebi minhas habilidades para reaproveitamento de materiais.

Aos 15 anos assinei a carteira em uma fábrica de calçados, como aprendiz de costureira, conhecimentos que obtive por meio de minha mãe, que em sua juventude chegara por anos a trabalhar no setor têxtil. O que motivou minha entrada tão cedo no mercado do trabalho formal foi à dispensa de minha mãe da mesma indústria. Não mencionei antes, mas minha mãe tem sequelas de paralisia infantil, o que tornou sua perna esquerda sem forças e a levou a mesa de cirurgia por seis vezes, porém o sucesso foi limitado, já que não havia melhora da sua situação. Soma-se a isso a cesariana feita para o nascimento de minha irmã caçula que por erros médicos quase levou minha mãe a morte. As consequências de todos esses

processos médicos influenciam no sistema nervoso de minha mãe devido às várias anestésias gerais que tomou. Desse modo, há a necessidade dela evitar movimentos/posições repetitivos (as) por muito tempo, logo a função de costureira estava trazendo prejuízos a sua saúde, assim e para não perder a renda muito necessária ao núcleo familiar foi acordado a saída de minha mãe, para minha entrada na empresa.

Aos 16 anos resolvi sair de casa e encarar a vida de casada, não foi muito fácil, pois, morávamos de aluguel e assim tive que largar os estudos, já que, ficava difícil conciliar todos os afazeres. A família de meu companheiro era muito difícil de lidar, seu pai era dono de um bar e muito autoritário com os filhos, (4 quatro homens ao total), apesar de não morarmos na mesma residência, as atitudes que tinha com sua mulher, muito incomodavam meu companheiro. Dentre outras razões decidimos passar uma temporada no Ceará.

Em novo ambiente, consegui um emprego em uma facção de roupas, lá ganhávamos por peça costurada. Com minhas habilidades conseguia ganhar um dinheiro a mais todo mês, porém, o meu companheiro ainda encontrava-se desempregado. Foi quando me veio à ideia de ensiná-lo a costurar em uma máquina que exigia um esforço físico maior, em menos de um mês ele assinou a carteira na função de traveteiro. Depois de encaminhados no trabalho, resolvi dar continuidade nos estudos no turno noturno, contudo pouco durou meu entusiasmo, além do cansaço, surgiram discussões na relação que me levaram a decidir entre o relacionamento e os estudos. Apesar de ter escolhido o último, ainda me foi “obrigado” o trancamento no segundo ano do Ensino Médio.

Aos 18 anos retornei a Brasília, como também retomei os estudos. Nesse período minha mãe se submeteu a uma cirurgia no Ceará e eu fiquei responsável pelos meus irmãos mais novos. Dividia-me entre as tarefas de casa pela manhã e a noite, e no turno vespertino frequentava a escola juntamente com meus irmãos.

Aos 20 anos fui surpreendida com a maternidade, no ano de conclusão do Ensino Médio. Tive algumas complicações na gravidez: duas ameaças de aborto e o risco de se esvair o líquido amniótico da placenta. Não sei, se essas complicações influenciaram no fato de meu filho ter nascido com o pé esquerdo torto, de todo modo, os próximos quatros anos foram de dedicação total a ele, o qual esteve em tratamento durante dois anos. Passado este período, mas uma situação me fez

dedicar-se extremamente ao meu filho, o mesmo teve o diagnóstico de pneumonia e ficou 28 dias internado no Hospital Regional do Gama (HRG).

Sempre fiz questão de ter meu filho próximo a mim. Talvez por ser meu primogênito, ou por ter a incerteza de que com outra pessoa ele seria bem cuidado, pelo medo de perder os melhores momentos dele: o falar, o andar, etc. Sendo assim, fiz o possível para por meu filho em prioridade. Contudo e, com muita dor no peito em 2008 tive que trabalhar fora de casa. Dentre mil complicações que tive ao por meu filho na creche, me surge à proposta de minha mãe em levá-lo para passar uma temporada com ela no Ceará. Mesmo apreensiva, a necessidade e a confiança em minha mãe, me fez concordar com a situação. No meio tempo entre a decisão e a saudade avassaladora dele, matriculei-me em um cursinho de pré-vestibular gratuito oferecido pelo Centro Cultural Brasília (CCB).

O TRAJETO PARA O ENSINO SUPERIOR

Em 2009 surgiu a oportunidade de fazer um pré-vestibular gratuito, para tanto, tive que abrir mão da convivência com meu filho. Sendo assim, meu pequeno foi passar um tempo com a avó no Ceará.

O cursinho reavivou a vontade de se dedicar aos estudos, contudo com um olhar diferenciado para entrada no Ensino Superior. Neste período, a figura mais marcante foi meu irmão Elias, que se encontrava cursando (nos semestres finais) Direito na Universidade Católica de Brasília (UCB). O fato de ser mãe me incumbia à responsabilidade de buscar o melhor para mim, e principalmente para o meu filho. Vi na Universidade a porta de entrada para realização de sonhos.

Tive professores muito dinâmicos que tornaram o processo de ensino-aprendizagem prazeroso, o ambiente do CCB, também era propício à inserção cultural, pois, no mesmo ocorriam semanalmente atividades de teatro, música, palestras, entre outros. Permaneci por seis meses na instituição, dos quais muito me veio a acrescentar.

Inscrevi-me para o 2º vestibular de 2009 da UnB, para o curso de farmácia. Havia certa defasagem em meus conhecimentos na área de exatas, mas

precisamente em física e química, ainda assim tentei a sorte, por assim dizer. Mas, à admiração pelos professores foi o que muito me estimulou. Fui convocada para entrevista de contas, mas infelizmente não pude comparecer, pois, ao receber a notícia me encontrava no Ceará. Como havia mencionado antes, a saudade muito me abatia, a ponto de não poder mais aguentar e fui ao encontro de meu filho, para retornarmos a Brasília.

Desde a época do Ensino Médio prestava o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para avaliar meus conhecimentos, porém, a partir de 2009, além de avaliar meus conhecimentos tinha a pretensão de conseguir uma pontuação para tentar uma vaga pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI). Para, de certa forma, tentar recuperar a oportunidade perdida de ingressar no Ensino Superior.

Em 2010 virei Prounista no Curso de Pedagogia pela Faculdade Cecap. Passei um ano nessa instituição no período noturno. Tive contato com ótimos professores, e a instituição ainda oferecia cuidados aos filhos dos estudantes nos horários de aula. Contudo, a instituição passou por problemas relacionados ao seu alvará de funcionamento, tendo que desenvolver suas atividades inicialmente no varjão, (caráter de urgência) e posteriormente transferiu definitivamente suas atividades para o Paranoá. Tal situação me fez buscar uma nova alternativa para a continuidade de meus estudos.

Abro um parêntese, pois, você deve estar se perguntando: Porque a mudança na opção de curso? Bom! O processo para ingresso no Ensino Superior, apesar de um longo preparo, a sua efetividade aconteceu muito rápido. As oportunidades surgiram e a questão sempre foi sim ou não. Contudo, o tempo foi suficiente para rever as prioridades e oportunidades. Muitas reflexões foram feitas em relação à escolha do curso: As brincadeiras enquanto criança; Os momentos em que estive com minha tia no exercício de sua profissão; As conversas com minha irmã Verilany que se encontrava em fase final de conclusão do curso de Pedagogia; Os relatos de “anjo” muito querido que exercia/exerce o magistério na SEEDF, mas principalmente a maternidade me fez indagar muito acerca da educação que queria e poderia dar para meu filho. Juntando a isso a quantidade de vagas ofertadas para o Curso de Pedagogia, e até o preconceito com a profissão desafiaram a minha decisão.

Em 2011 fui selecionada para o mesmo curso na Universidade Católica de Brasília, na qual também fiquei por um ano, também no turno noturno. A referida

instituição me fez crescer muito pessoalmente. Também, conheci ótimos professores neste novo ambiente. A cada disciplina cursada, mais certeza eu tinha de estar no caminho certo. Vários foram os momentos de aprendizado. As quintas culturais desenvolvidas na segunda semana de cada mês, tratavam temas ligados à educação de forma dinâmica, por meio de palestras, depoimentos, oficinas. E possibilitava a reunião de todos os estudantes do curso, do primeiro ao último semestre em um único espaço, o que enriquecia o aprendizado.

Neste ambiente foi que surgiu a iniciativa de se criar um grupo para reativação do Centro Acadêmico de Pedagogia que se encontrava desativado há dois anos. Participei do processo desde o início, a luta para conscientização dos estudantes do curso, na busca de melhorias para o mesmo foi cansativa, contudo gratificante, já que, nas eleições o Centro Acadêmico de Pedagogia da UCB na gestão: “Paulo Freire reabrindo portas”, da qual fui vice-presidente, conseguiu cota suficiente para reabertura da Entidade Estudantil. Após essa etapa muitos foram os esforços para fixar ambiente propício ao desenvolvimento das atividades e recebimento dos estudantes. Páginas foram criadas na Internet para interação do grupo, reuniões, oficinas, tudo no intuito de debatermos acerca do Curso que tínhamos e o que queríamos. Esse processo foi gratificante, porém não durou muito tempo, devido a minha saída da Instituição, contudo o aprendizado até hoje me acompanha.

Foi na UCB, por meio do Projeto Alfabetização Cidadã, que tive meu primeiro contato direto com a “Educação Popular”. Duas vezes por semana, no turno vespertino, dedicava às atividades voluntárias de extensão. Às terças-feiras auxiliava o professor de informática nas aulas de Inclusão Digital. Nas quintas-feiras auxiliava a professora nas aulas do Ensino de Jovens e Adultos. Ambas as atividades me enchiam de prazer e orgulho, não há como mensurar o quanto aprendi nos dois ambientes. No primeiro eu tinha um conhecimento já adquirido que foi se encorpando a cada aula. Já o segundo foi entrar no desconhecido, pois, não tinha base teórica suficiente para o desenvolvimento das atividades, a qual foi adquirida junto à prática. Era gratificante ver o entusiasmo e os esforços feitos pelo grupo para estar presente em cada aula, a felicidade a cada aprendizado.

A UCB muito tinha a oferecer, porém, a indisponibilidade do Curso no período vespertino me fez enfrentar mais um desafio. Em 2012 fui selecionada nas vagas remanescentes do ENEM para egresso na Universidade de Brasília

MEU FLUXO NA UNB

No meu primeiro semestre na UnB tudo era novidade. A própria instituição, sem fronteiras/muros, quase que uma cidade, me enchia os olhos diante do desconhecido. Neste ambiente pude me dedicar melhor ao meu filho, pois a grade curricular era aberta e me proporcionava os encaixes de tempo necessários às atividades acadêmicas e as responsabilidades de mãe.

No semestre em questão me matriculei em quatro disciplinas, apesar de aproveitar as disciplinas cursadas nas outras instituições, ainda tive a “perca” de um semestre, a julgar pelo tempo mínimo de conclusão do curso (4 anos). Contudo, houve o ganho de oportunidades e a possibilidade de acompanhar o máximo possível meu filho nos estudos e na sua rotina diária, o que compensava todos os esforços.

Nesse semestre me matriculei nas seguintes disciplinas: Educação Matemática 1, - que discutiu as principais representações que podem ser utilizados no ensino dos conteúdos programáticos de matemática das séries iniciais do ensino fundamental, de forma lúdica; Orientação Vocacional e Profissional - visava à atuação do pedagogo nas áreas em questão nos diferentes espaços educativos; Fundamentos da Educação Ambiental - trabalhou com os fundamentos do pensamento ambiental, numa perspectiva histórica, principalmente, o papel da educação como base para a transformação das relações homem-meio visando à expansão da consciência ambiental e a conservação do meio ambiente e dos recursos naturais; e O Educando com Necessidades Educacionais Especiais - que abordou os contextos histórico-sócio-político-cultural do ensino especial inclusivo na perspectiva para o educando e para a formação docente. Essa última subsidiou novas experiências na UnB.

Meu primeiro contato com o campo de projetos foi por meio do Departamento de Desenvolvimento Social (DDS). Visto que, para ter um subsídio em pecúnia, os

estudantes além de se submeter a uma avaliação socioeconômica, deviam estar engajados em projetos desenvolvendo atividades de contrapartida. Em junho de 2012 iniciei minhas atividades no Laboratório de Informática de Educação Especial (LIEE). No projeto: A Informática para pesquisa e ensino no contexto da Educação Especial e Inclusiva. Uma experiência muito gratificante e cheia de aprendizados. Nessa época estava matriculada na disciplina: O Educando com Necessidades Educacionais Especiais a qual foi base para o desenvolvimento das atividades no projeto.

A interação dos conhecimentos obtidos em ambos os ambientes, favoreceram muito ao meu olhar crítico sobre o sistema de ensino público do DF, no qual meu filho se encontrava inserido. A relação do conhecimento obtido pela base teórica nas disciplinas gerou um aprendizado significativo, a partir do momento que os relacionei com a prática. Visto a luta travada, desde a inserção do meu filho na escola pública, já que a mesma insiste em coloca-lo como possível TDAH. Os aprendizados vieram me auxiliar na busca por uma escola e um ensino de qualidade, como também, reconhecer o meu papel como cidadã, dando a minha contribuição à comunidade escolar.

No semestre seguinte cursei as disciplinas: Psicologia da Educação, - a qual versou sobre a análise das teorias psicológicas que influenciam e fundamentam o processo ensino-aprendizagem no cenário da educação brasileira, como a relação educador-educando e (vise e versa); História da Educação Brasileira - teve o enfoque voltado para o papel da sociedade na construção histórica do País e o processo educacional no campo das disputas políticas e culturais; Didática Fundamental - é uma das disciplinas base para o curso de pedagogia, já que, trabalho com os princípios cruciais ao processo ensino-aprendizagem; O Processo de Alfabetização - versou sobre os fundamentos da linguagem oral e escrita em seu contexto histórico (disciplina que careceu de atividades prática), contudo embasou teoricamente minhas analogias do processo de alfabetização de meu filho, o qual veio a ser complementado com a disciplina: Ensino-Aprendizagem da Língua Materna. As três últimas disciplinas foram muito debatidas, diante a necessidade de mudança na postura do professor na contemporaneidade. E por fim a disciplina Ensino de Ciência e Tecnologias, - também muito teórica, contudo crucial para as aulas de ciência.

Nos semestres do ano de 2013 tive a possibilidade de adiantar algumas disciplinas, pois, consegui vaga no período integral em uma escola pública próxima à universidade. Desse modo, saía de casa às 6h, deixava meu filho na escola às 7h30, e posteriormente assistia as disciplinas da manhã. Almoçava na UnB e assistia as disciplinas da tarde, às 17h30 buscava meu filho na escola e retornava para casa, chegando à mesma por volta das 20h. Esse ano foi um dos mais puxados.

No 1º/2013 estudei as seguintes disciplinas: Orientação Educacional – embasou as discussões acerca do papel do orientador no ambiente escolar; Ensino de História, Identidade e Cidadania e Educação em Geografia foram disciplinas que geraram muitos aprendizados relacionados ao Distrito Federal, e muito ajudaram para o maior conhecimento de tais. Administração das Organizações Educativas - objetivava a identificação e análise dos processos de administração nas organizações educacionais, considerando as estratégias de democratização, a qualidade na educação, os pressupostos da gestão democrática e as perspectivas inovadoras de gestão, face os avanços tecnológicos; Avaliação nas Organizações Educativas - contemplaram os níveis, tipos e modalidades de avaliação de sistemas, organizações, programas e projetos educacionais; e com a última disciplina: Introdução à Classe Hospitalar tive acesso a uma área das políticas públicas voltada para educação inclusiva. Neste semestre, também cursei a 1ª etapa do Curso de Francês ofertado pela escola de línguas da universidade, a UnB Idiomas.

No 2º/semestre desse cursei as disciplinas: Computadores na Educação, - a qual relacionava teórica e prática da Informática na Educação, e muito contribui para os meus conhecimentos na área; Seminário do Trabalho de Final de Curso, - foi uma experiência preparatória para construção desta pesquisa; Socionomia, Psicodrama e educação, - me proporcionou um novo olhar para as relações socioeducativas; e Planejamento Educacional, - que infelizmente tive que trancar, diante a necessidade de tempo para as atividades pessoais. Foi neste mesmo ano em que iniciei minhas atividades no Projeto de Economia Solidária. Desenvolvidas aos sábados no período matutino em uma Associação de minha região. Essas atividades desencadearam a presente pesquisa.

No primeiro semestre de 2014, cursei as disciplinas de Canto Coral 1, - que sanou uma vontade antiga com a área musical; Atividades Lúdicas em Início de

Escolarização, - trabalhou com o conceito lúdico nas práticas educativas; e Gênero e Educação, - a qual buscava estudar e discutir as relações vigentes nas escolas numa perspectiva inclusiva que abordasse as questões de gênero, classe, etnia/raça e geração, essa disciplina muito acrescentou em minha formação acadêmica e pessoal. Diante algumas situações vivenciadas pelo meu filho em ambiente escolar, com relação ao respeito às diversidades presentes no mesmo. Assim, pude relacionar as implicações com os princípios inerentes a Educação Popular e a Economia Solidária.

A participação nos projetos 3 e 4 no currículo do curso de pedagogia como formação obrigatória dos pedagogos me encaminharam para o projeto de Economia Solidária e Educação, cuja experiência me ajudou a pensar na formação profissional e pessoal tendo como formação teórico-prática: a Educação Popular e a Economia Solidária.

PARTE II – MONOGRAFIA

A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A EDUCAÇÃO POPULAR. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM UMA ASSOCIAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES.

A realidade, o meio ambiente, a natureza, todas as coisas, criadas ou não pelo homem, condicionam sua vida, assim como podem ser por ele modificados.

(Sérgio Abrahão)

Neste capítulo abordaremos a Educação Popular e a Economia Solidária no Brasil procurando tratar sobre a relação entre ambas na prática pedagógica dos movimentos populares, na perspectiva emancipatória de transformação dos sujeitos e da sociedade cunhada por Paulo Freire.

A ES nasce dos movimentos sociais onde a EP já está intrínseca. Originados pelas lutas das classes menos favorecidas em busca de satisfação de suas necessidades básicas – não atendidas pelo sistema capitalista – buscando alternativas que levassem à transformações sociais. Essa busca consequentemente leva a uma educação emancipatória, ou seja, à EP. Desse modo, está implícita a ES que, para além de um conceito ou prática econômica, tem seus princípios voltados para uma nova forma de ser e viver em sociedade, aí se dá a relação com a EP.

Sendo assim, inicialmente apresentaremos os principais fatos que contribuíram para o surgimento da EP, os princípios inerentes a sua prática, e consequentemente, a sua relação com a ES, ou seja, a ES surge como um ato pedagógico transformador, cujo entendimento, pressupõe uma outra perspectiva de educação, a EP, revelando-se assim um novo fazer pedagógico.

1.1. A Educação Popular e o nascimento da Economia Solidária

A Educação Popular é uma metodologia educacional que envolve uma prática pedagógica problematizadora, que considera os saberes prévios e a realidade sociocultural dos envolvidos na construção de novos saberes para emancipação do conhecimento e dos sujeitos. Estimula a participação dialógica e um olhar crítico

sobre a comunidade. Sendo assim, uma ferramenta no incentivo para as transformações sociais.

A Educação popular acompanha, apóia e inspira ações de transformação social. Nela, o processo educativo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, este volta a ela para transformá-la. (WERTHEIN, 1985, p. 22)

A EP surgiu no final do século XIX, constituiu historicamente num contexto de luta de classes, em contradição ao sistema capitalista, visando à transformação da sociedade. Contudo, o modo como a sociedade capitalista organiza-se hoje difere do início das discussões acerca da EP. Desse modo, e no intuito de situar o leitor na temática faz-se necessário uma breve abordagem histórica sobre a EP, em seus aspectos: conceituais e políticos.

Primeiramente apresentaremos uma das figuras mais importantes para EP. Paulo Freire foi importante pedagogo brasileiro que desenvolveu trabalhos voltados para a educação como ferramenta emancipadora do indivíduo.

[...] a educação popular cuja posta em prática, em termos amplos, profundos e radicais, numa sociedade de classe, se constitui como um nadar contra a correnteza é exatamente a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido de superação das injustiças sociais. É a que respeita os educandos, não importa qual seja sua posição de classe e, por isso mesmo, leva em consideração, seriamente, o seu saber de experiência feito, a partir do qual trabalha o conhecimento com rigor de aproximação aos objetos. [...] (FREIRE, 1997, p.101).

De acordo com o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas (2014), a temática divide-se em três perspectivas conceituais.

A primeira concepção está voltada a uma “Educação do povo”, que deve ser assumida pelo Estado, e ofertado a todos o direito à Escola. Nesse contexto inicia-se a luta pela universalização do ensino.

Na segunda concepção a “Educação é para o povo”. Neste enfoque impera a transmissão de conteúdos e técnicas, sob a formação humana, sendo valorizada a qualificação da mão de obra, para atender a lógica do mercado.

Por fim, e para efeitos da análise presente neste trabalho iremos adotar a perspectiva da EP “como práticas educativas numa concepção emancipatória, vinculada a um projeto de sociedade em defesa da transformação da realidade em curso”. Vale lembrar que não há uma divisão cronológica para cada conceito.

A Educação é política por natureza, pois, está intrínseca ao processo educativo. Ao referir-se a tal assunto Freire diz que, “a educação é um ato político, a natureza mesma da educação possui inerentemente a qualidade de ser política, como política tem aspectos educacionais (CINTRA, 1998, p.83).

Ainda nessa linha de considerações, o mesmo autor afirma que, “quanto mais ganhamos clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então não ser possível sequer pensar a educação sem que se esteja atento à questão do poder.” (FREIRE, 2008, p.23).

Sendo assim, não podemos dicotomizar a unidade dialética entre a teoria e a prática. “Não alcançamos a ‘consciência crítica (conscientização)’ pela reflexão teórica, mas por uma prática coletiva, essencialmente política, aliada à reflexão sobre si mesma – ação-reflexão-ação mais lúcida e crítica”¹. “Não há educação neutra. Toda neutralidade afirmada é uma opção escondida!” (FREIRE, 1987).

A EP não tem registros oficiais na história da Educação Brasileira ocorrendo em paralelo a “educação escolar”. Do ponto de vista de Pontual (2000, p, 38): “Uma das contribuições mais importantes da educação popular é o desenvolvimento de um conceito do educativo que é bem mais abrangente que as práticas que se realizam no sistema escolar”. Sendo assim, destaco os principais fatos que influenciaram na concepção de uma educação emancipadora e libertária.

Nos anos que antecederam o Período Democrático a EP esteve em processo de fermentação. Presente, desde a conscientização dos direitos e necessidades de libertação dos escravos em 1888, passando pela entrada das classes populares no

¹Professor da SEEDF, Joaquim Virgílio Mendes Barbosa (KIM) em: “Contra o que? Em nome do que? – Carta aos formandos do DF Alfabetizado 2014” (não publicado).

cenário político na década de 20. A propósito (PALUDO, 2001 apud MARIALVA, 2009) assinala que esse surgimento ocorre devido, à abertura que sucinta a modificação da concepção da EP. Com essa abertura, um novo olhar sobre a concepção da EP, se torna imprescindível devido,

(...) ao fato de as classes populares existirem e as suas condições de vida, as opções que as elites tiveram de rumos para o desenvolvimento do Brasil, ao movimento internacional dos trabalhadores; às idéias pedagógicas predominantes num determinado período, ao desejo e esperança de construção de um mundo melhor, e às possibilidades, via educação, contribuir para a emancipação das classes subalternas e para a sua entrada no cenário político.

Em suma, no período de (1945-1964) ocorre o auge da EP, pois, foi aí que, a emergência das massas populares se tornou mais significativas, exigindo uma nova concepção e uma nova prática de EP. Isso devido ao restabelecimento democrático e um forte processo de industrialização o que levou os trabalhadores a buscarem uma participação mais ativa nas mudanças sociais. Segundo Gutiérrez (1988),

A participação, quando existe de fato, é necessariamente educativa. Em outras palavras, a participação educa, porquanto propicia níveis cada vez mais elevados de consciência e organicidade. Na medida em que se produz essa participação consciente e orgânica do grupo comunitário, dar-se-ão ações concretas de transformação social, e dessa maneira, consegue-se influir, direta ou indiretamente na transformação da realidade.

Outro aspecto levantado por Freire (1987, p.11) nos leva a reflexão de que, “dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador, a função de sujeito de sua história, em colaboração com os demais trabalhadores – o povo”, ou seja, é por meio do trabalho que os homens se humanizam e juntos são responsáveis por trilhar os caminhos para melhoria da coletividade.

A Educação ganha outro foco com a reelaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (4024/61) e a instituição do Ministério da Educação, devido ao aumento na criação e crescimento das organizações populares, tanto no meio urbano, como no meio rural. Sendo assim, de acordo com (Marialva, 2009) “à

propagação das organizações e movimentos populares tinha como objetivo lutar por inserção das classes populares no cenário político da década de 1960.” E, citando Paludo:

É no início dos anos de 1960 que surgem os primeiros Movimentos de Cultura Popular (MCP), o primeiro data de 1960 e esteve ligado à Prefeitura de Recife. Em seguida é criado, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Movimento de Educação de Base (MEB), em março de 1961. Por iniciativa da União Nacional dos Estudantes (UNE), são criados os Centros Populares de Cultura (CPC) e, em 1963, surge o Plano Nacional de Alfabetização (PNA). Além de Atividades: alfabetização, organização de base e cultura popular. Sentido: papel das classes populares no cenário social e político contrastando com educação para a profissionalização e despertar as energias populares, visando à pressão suficiente para realizar mudanças propostas. Nova utopia pedagógica: não diretivismo, enquanto atitude pedagógica e conscientização, enquanto processo pedagógico de construção da consciência crítica. Expressava-se pelo ativismo e pela vivência do binômio conscientização x massificação. (PALUDO, 2001, p.89 apud MARIALVA, 2009, p. 5)

Neste contexto afloram as ideias de Paulo Freire e a Educação Popular em seu panorama emancipatório passa a ser uma pedagogia das classes populares. Tendo presença marcante nas campanhas de alfabetização que cogitou um novo olhar à Educação de Jovens e Adultos, visto que, diferentemente da educação escolar denominada por (FREIRE, 1987), como “bancária”, o referido autor aponta que:

Enquanto, na concepção “bancária” – permita-se nos a repetição insistente – o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo seu poder de captação e de compreensão do mundo em que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em que a transformação, em processo. (FREIRE, 1987, p. 41).

O Regime Militar (1964-1985) é instaurado no Brasil, por questões políticas e econômicas. Os militares tinham a convicção de que o governo Goulart por meio do populismo estava levando o País a uma República sindicalista e com isso ao comunismo. A inflação estava em alta, havia descontrole nas contas do governo e o

setor da economia externa não iam nada bem. Acreditava-se que não havia saída no sistema democrático. Esse período trouxe perdas para os avanços na EP, já que, os Atos Institucionais, principalmente o AI-5, promoveu represálias às organizações populares e a destruição de diversas experiências de Educação Popular.

Nesse contexto, a EP foi um dos muitos movimentos que se refugiaram em Organizações Não governamentais (ONGs) e/ou em práticas desenvolvidas pela Igreja Católica. Assim, de forma camuflada os movimentos populares de educação foram se fortalecendo. Reforçando a tese de Freire de que,

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor e se engaja na luta, organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita, ao nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece é que esta não seja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão para, que seja práxis. (FREIRE, 2005, p. 58).

Com a crise da ditadura militar na década de 70, o povo volta às ruas para lutar por melhorias. Os movimentos sociais estavam em busca da reabertura política, da democracia e da anistia, principalmente na década de 80, em que,

(...) os processos de organização social e popular representaram expressivas experiências de formação de consciência coletiva potencializadora da luta por direitos e reformas sociopolíticas, como no movimento sindical urbano, movimento estudantil, movimentos populares, movimento popular de saúde, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Conselho Indigenista Missionário, Pastoral da Terra, etc. (CONAE, 2014).

Nesse contexto a EP não visa somente à universalização do direito à educação pública, gratuita e de qualidade, mas uma educação conscientizadora, que forme sujeitos críticos e protagonistas no seu processo de aprendizagem e da transformação de sua realidade. Viés esse que se estende até os dias atuais, agregando as novas concepções e práticas que vão surgindo dentro das demandas colocadas pelas exigências desse novo tempo, especialmente a Economia Solidária

que surge quase como um resultado natural da prática da EP como uma alternativa ao sistema capitalista, ao quais ambas, se colocam como contraponto.

Devido à Globalização novas demandas aparecem no cenário brasileiro. Entre os anos (80-90) a crise mundial da economia provoca altas taxas de desemprego, em vista disso, as desigualdades sociais aumentam ainda mais. Com a instalação da política neoliberal no Brasil, revela-se a face obscura do capitalismo: a progressiva segregação e exclusão sócio-econômica-cultural. Pois, o capitalismo se,

[...] constitui um excelente ambiente para dinamizar a produção, mas não soube até hoje criar mecanismos eficientes de distribuição. Na realidade, a própria estrutura de poder gerada pelos privilégios e pelo enriquecimento de minorias torna inviável a distribuição equilibrada. (DOWBOR, 1995, p. 10).

Atualmente a EP desenvolve e incentiva a participação popular na definição de políticas públicas, nas organizações comunitárias em busca do bem estar social. Mantendo-se assim em um processo permanente de reelaboração, através dos movimentos sociais: minorias identitárias, associações de moradores e bairros, entre outros, que pautados nos princípios da EP lutam por outra sociedade, ou seja, por outra forma de ser, viver e com-viver pautada na coletividade. Do ponto de vista de (GADOTTI & TORRES, 1994, p. 7-8):

A educação popular, estritamente falando, é uma de suas variantes a educação comunitária, (...) via de regra, ou se opõe à educação de adultos impulsionada pela educação estatal ou tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério ou deixou de lado.

Ao referir-se a tal assunto, (Gadotti, 1993, p. 11) ressalta que, os setores mais excluídos da sociedade, principalmente, os excluídos do sistema econômico, sendo estes os não produtores e não consumidores são bastante abordados pela educação comunitária, - uma expressão da educação popular – na busca de melhoria de qualidade de vida.

Diante disso, observa-se no País o berço para a consolidação de uma outra proposta de educação, pautada em valores coletivos, cujo acolhimento tem sido

realizado de maneira plena na proposta da Economia Solidária, considerada um ato pedagógico em si mesma.

A economia Solidária tem que entrar na educação como fez a economia capitalista, que embebeu o conjunto das instituições no seu fazer, porque não é só a produção capitalista em si que deve ser mudada, é a produção e a reprodução da vida que devem estar pautadas por novos valores. A Economia Solidária é meio de um contexto social que propõe a igualdade de condições e o direito à diferença. Igualdade de condições que elimina a sociedade hierárquica, propondo uma sociedade marcada por relações democráticas, onde as diferenças entre os indivíduos possam acontecer sem gerar desigualdades. É, portanto, uma economia com defesa da igualdade e da inclusão de todos, não postulando, contudo, a defesa do idêntico. Uma economia que considera que as pessoas são diferentes e devem ter espaço para o exercício de suas diferenças. (KRUPPA, 2005, p.27).

Sendo assim, os princípios da EP e da ES se coadunam ao possibilitar um contraponto ao modelo de sistema vigente. Apontando para um novo fazer na economia, mas principalmente na educação, pois, estes podem ser os pilares para a transformação da sociedade, ou seja, uma nova prática econômica exige um novo fazer educativo.

1.2. A Economia Solidária e a Educação Popular

Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES, 2006, p. 3, apud, GUTIERREZ; ZANIN, 2013) a economia solidária define-se como:

[...] fruto da organização de trabalhadores e trabalhadoras na construção de novas práticas econômicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.

A partir da produção científica criada pelos movimentos coletivos da ES, conceituamos como: “uma forma diferente de organização econômica, em que são pensadas outras formas de produzir, vender e comprar onde a competição é

substituída pela cooperação e existe o desejo de que ninguém seja excluído e que todos tenham condições de viver bem”. Apontamos ainda, as bases dessa nova economia. Desse modo, temos:

- Cooperação – como a existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária sobre os possíveis ônus. Envolve diversos tipos de organização coletiva que podem agregar um conjunto grande de atividades individuais e familiares;
- Autogestão – é a orientação para um conjunto de práticas democráticas participativas nas decisões estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, sobretudo no que se refere à escolha de dirigentes e de coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, nas definições dos processos de trabalho, nas decisões sobre a aplicação e distribuição dos resultados e excedentes, além da propriedade coletiva da totalidade ou de parte dos bens e meios de produção do empreendimento;
- Solidariedade – é expressa em diferentes dimensões, desde a congregação de esforços mútuos dos participantes para alcance de objetivos comuns; nos valores que expressam a justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; nas relações que se estabelecem com o meio ambiente, expressando o compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem-estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras; e
- Viabilidade econômica – é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo, o que envolve elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais.

Seguindo esses princípios, a educação deve preparar o indivíduo para a gestão colaborativa e para o trabalho de equipe. Assim as práticas de economia solidária envolvem uma mudança cultural que demandam em uma reeducação. Trata-se de uma mudança profunda de valores e princípios que orientam o comportamento humano. Sendo, o sistema de autogestão uma baliza na proposta da ES.

É preciso ressaltar que a solidariedade nada tem a ver com piedade. Não se trata de dar uma esmola para alguém para aliviar nossa consciência. A esmola e a piedade não empoderam ninguém. Ao contrário, elas humilham. Já a solidariedade implica não apenas sentir o outro, mas compartilhar nossas vidas, nossos sonhos. Paulo Freire (2005, p.33) nos arremete a questão do assistencialismo ao afirmar que,

Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, tem necessidade para que a sua "generosidade" continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça.

Nesse contexto, outro aspecto levantado é o respeito às questões étnico-raciais e de gênero, a responsabilidade coletiva de direitos e deveres e articulação com outros espaços de Economia Solidária. Por isso, a solidariedade precisa ser emancipatória. E estar aliada à tecnologia social que compreende tanto produtos e técnicas, como tecnologias reaplicáveis e desenvolvidas em interação com a comunidade e que representem propostas efetivas de transformação social, fazendo dialogar o saber técnico-científico com o saber popular.

Logo, “o que identifica a Economia Solidária é a tradição histórica de luta da classe trabalhadora por direitos, com base em uma cultura organizativa e associativa, nas experiências de trabalho coletivo e no reconhecimento da solidariedade como operadora democrática do sentido da ação social.” (CARVALHO, 2008, p.225).

A viabilidade econômica surge com o compromisso do desenvolvimento local, de forma sustentável e no exercício do consumo solidário, mediante o trabalho ético e com renda justa, partilhando também da iniciativa de empreendimentos comuns.

Considerando os princípios acima citados, os quais são essenciais a construção de valores coletivos, segundo Gadotti (2009, p. 24-25) a ES,

Não se resume a um produto ou a um objeto. Ela vai muito além dos próprios empreendimentos solidários. Ela é, sobretudo, a adoção de um conceito. Conceito que envolve respeito ao meio ambiente, a

produção sem a utilização de mão de obra infantil, respeito à cultura local, a luta pela cidadania e a igualdade. Implicando um comércio justo, cooperação, segurança no trabalho, trabalho comunitário, equilíbrio de gênero e consumo sustentável (ou seja, produzido sem o sofrimento de pessoas ou de animais). Além disso, a margem de lucro é discutida coletivamente entre o produtor e o vendedor. Deste modo, a economia solidária envolve pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável. Por isso a economia solidária liga-se estreitamente à educação transformadora e a democracia econômica.

Nesta linha de considerações a ES tem em seus princípios e valores, o respeito e valorização do desenvolvimento, de forma sustentável, o que é destacado pela Carta de Princípios da economia solidária do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES): “a economia solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra”.

Na década de 80 o país é tomado por altos índices de desigualdades sociais e uma elevada taxa de desempregos, devido à crise econômica. Destarte, a economia solidária apresenta-se como modelo econômico alternativo para a superação da crise social estabelecida no mundo do trabalho brasileiro e mundial. Por conta dos princípios que difunde vem mobilizando diversos grupos sociais para que seja implementada no cenário econômico, político e social. Segundo as Diretrizes conceituais do Ministério do Trabalho e Emprego (2006):

A Economia solidária surge de uma atitude crítica frente ao modelo de desenvolvimento capitalista que produz riquezas gerando miséria, subordina e explora o trabalho e degrada a natureza, colocando em risco a própria sustentabilidade da vida no Planeta. Orientada por valores não-mercantis, como a solidariedade e a democracia, a economia Solidária incorpora as dimensões culturais, étnicas e ecológicas do desenvolvimento, no qual a produção, a distribuição e a preservação dos recursos naturais e sociais são tomadas como eixos para um processo emancipatório.

Fato este propiciou a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), originada através da publicação da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003 e instituída pelo Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003.

A presente secretaria tem como “objetivo viabilizar e coordenar atividades de apoio à Economia Solidária em todo o território nacional, visando à geração de trabalho e renda, à inclusão social e à promoção do desenvolvimento justo e solidário.” Isto é, desenvolver no país políticas públicas orientadas para o exercício da economia solidária.

Nesse contexto, o trabalho em rede surge como necessidade de fortalecimento do trabalhador, já que está enfrentando grande heterogeneidade, contra a organização hierárquica e centralizada, típicas das estruturas capitalistas. A economia solidária precisa alcançar escala e qualidade para competir com a economia capitalista. Então, as redes formam o ambiente propício para fortalecer e desenvolver os empreendimentos solidários. Ela precisa de estruturas novas com capacidade econômica para enfrentar o capitalismo. A economia solidária não é apenas uma nova economia, mas é o embrião de uma nova sociedade.

Essas iniciativas servem para disseminar a EP na perspectiva da ES visando à transformação da realidade. Visto que, “a economia popular não se baseia nos critérios de rentabilidade e de lucro do sistema capitalista e da economia não popular competitiva. (...) ela norteia algo diferente do capitalismo, embora esteja nascendo no interior dele” (GADOTTI, 2009, p.19).

De acordo com Singer (2002, p.10), a economia solidária é um modo de produção “cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”. Diferentemente da empresa capitalista, em que os salários são desiguais e os cargos hierárquicos. Na empresa solidária o sistema é de sociedade e os valores arrecadados são divididos em forma de retirada. “Alguma desigualdade é tolerável desde que ela sirva para melhorar a situação dos menos favorecidos” (Idem, p. 13), conclui o autor.

A economia solidária, ao contrário da atual política econômica brasileira, possibilita a valorização e respeito à singularidade do trabalhador, o que permite o desenvolvimento da sua autonomia e o pleno exercício da cidadania. Ainda promove o desenvolvimento social, através da geração de emprego digno e solidário, e, conseqüentemente geração de renda aos trabalhadores, que começam a usufruir dos bens produzidos pela nação. O que propicia a distribuição da riqueza e a construção de um país mais justo e solidário, princípios estes promulgados na Constituição Federal de 1988.

A economia solidária é antes de tudo um processo contínuo de aprendizado de como praticar a ajuda mútua, a solidariedade e a igualdade de direitos no âmbito dos empreendimentos e ao mesmo tempo fazer com que estes sejam capazes de melhorar a qualidade de seus produtos, as condições de trabalho, o nível de ganho dos sócios, a preservação e recuperação dos recursos naturais colocados a sua disposição. O aprendizado se entende naturalmente também à prática do comércio justo entre os empreendimentos e aos relacionamentos solidários com fornecedores e consumidores, sem esquecer as práticas de participação na política e na cultura do país, da região e do mundo. (GADOTTI, 2009, p.13).

Se contrapondo ao sistema capitalista, essa nova forma econômica alternativa concebe novos modos de se pensar e concretizar as relações humana e coletivas, pois, a mesma nega/recusa à acumulação do capital e o consumo exacerbado, ou seja, o individualismo econômico. Assim os resultados do trabalho são compartilhados (sejam positivos ou negativos) sem diferenciações. Logo, o individualismo dá lugar ao trabalho coletivo.

A Economia Solidária se opõe ao jogo econômico por meio da divulgação da ideia de que todos ganham com a cooperação mútua. Sendo assim, a ES anuncia um comportamento social comprometido com a solidariedade e não com a competição, com a sustentabilidade ao invés da exploração, e, a igualdade e equidade em detrimento da desigualdade.

Hoje, “a economia solidária destaca-se como um rico processo em curso, regido pelos princípios da solidariedade, da sustentabilidade, da inclusão social e da emancipação”. É um movimento de alcance global que luta em favor daqueles cujo trabalho não é valorizado pelo mercado capitalista, sem acesso ao capital, às tecnologias e ao crédito. Visa uma desmercantilização do processo econômico, condição básica para a construção de um novo socialismo. E essa desmercantilização não significa o fim do mercado, mas sim a eliminação do lucro como categoria (GADOTTI, 2009, p.25-26)

Dentre as diversidades de práticas econômicas e sociais cunhadas nesse tipo de economia estão: as cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. Pautados pelo modelo de autogestão, cuja forma é cooperativa

e não competitiva, pois, não se pode entrar numa cooperativa com uma mentalidade capitalista. Senão estaremos apenas dando continuidade ao projeto capitalista.

Nesse aspecto, vale destacar uma “interpretação” contida no texto da Nota de Rodapé nº 1: “Aproveito pra deixar uma última frase do Mestre Paulo Freire que trata da importância da coerência - ele sempre insistiu em que não se pode, em nome da conscientização/libertação, usar as mesmas ‘armas’ - métodos/técnicas/estratégias/táticas, etc. - da opressão/dominação, porque estas são antagônicas/opostas/incompatíveis com os objetivos daquela... daí a necessidade da busca constante de coerência por parte de quem se diz ‘educador/a’ (progressista - aquela e aquele que se compromete com a busca de transformação da sociedade) – e coerência aqui significa uma maior proximidade/comunhão possível entre ‘o que se diz’ e ‘o que se faz’ (...).

Assim, para que a ES consiga desenvolver-se no Brasil é preciso um processo educativo com base nos princípios da EP, onde haja o resgate dos sujeitos dessa economia como trabalhadores (as) que se organizam sob a forma de uma educação para solidariedade e para a cooperação.

1.3.A ES COMO ATO PEDAGÓGICO: RESGATE DA EP

A economia solidária é em si, um ato pedagógico. Segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária:

A educação em economia solidaria é uma "construção social" que envolve uma diversidade de sujeitos e ações orientados para a promoção do desenvolvimento sustentável e solidário. A economia solidária reconhece o trabalho como princípio educativo na construção de conhecimentos e de outras relações sociais. Assim, as ações político-pedagógicas, são fundamentais na perspectiva emancipatória de transformação de sujeitos e da sociedade.

Contudo para que seja eficiente é preciso construir uma pedagogia da economia solidária. Onde não se trata apenas de oferecer cursos, mas de construir valores, de construir uma cultura juntos.

Paulo Freire (1921-1997) nos faz refletir com suas ideias quando disse que sempre devemos ter a humildade de aprender e ensinar: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”. Salienta-se ainda que, “ninguém educa ninguém, mas ao mesmo tempo, ninguém se educa inteiramente sozinho, (...) os homens se educam mediatizados pelo mundo”.

A EP na concepção metodológica freireana, busca a educação transformadora e emancipatória, que leve a conscientização dos sujeitos para uma nova dinâmica social, em que cada um perceba seu papel no mundo, e ao compreender sua história contribua para a melhoria das classes oprimidas. Visto que, “o homem não pode construir a realidade isolado da mesma, visto que está nela inserido. A realidade, o meio ambiente, a natureza, todas as coisas, criadas ou não pelo homem, condicionam sua vida, assim como podem ser por ele modificados. (ABRAHÃO apud FREIRE E RIVIÈRE, 1991, P.9)”.

A relação entre EP e ES está na concretização da práxis pedagógica, na forma como se desenvolve a ação. A EP na concepção freireana de uma educação libertadora, assegura que a compreensão do mundo parte da leitura do sujeito em relação ao outro, essa interação mediada pelo diálogo – condição essencial para o conhecimento - entre os pares contribui para a transformação individual e coletiva. Desse modo, para o ES o diálogo é:

(...) manter espaços abertos para que todas as partes expressem-se. Diálogo é confrontar opiniões, ouvindo as razões do outro e valorizando suas preocupações e anseios. Diálogo é veicular a opinião do outro e propor a busca de um terreno comum quando ocorrem divergências ou conflitos. Se não é possível encontrar este terreno com a troca de idéias, diálogo é testar, na prática, as idéias de cada um, para depois confrontar os resultados desse teste e refletir juntos sobre o melhor caminho a seguir. (KRUPPA, 2005, p.38)

Portanto, as pessoas se educam mediadas pela realidade vivida, pautadas nos princípios da cooperação e da solidariedade na busca das transformações necessárias a uma sociedade democrática, consciente, justa e solidária. Desse modo, e segundo (SINGER apud GADOTTI, 2009, p.15), “a educação, que é essencial para o avanço da economia solidária, só pode ser aquela que começa por

negar que os papéis de educador e de educando sejam desempenhados sempre pelas mesmas pessoas”, ou seja, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender dizia Paulo Freire (p.49)”.

A economia solidária baseia-se na ajuda mútua. E esse princípio pedagógico da reciprocidade e da igualdade de condições - exigência de todo diálogo verdadeiro - entre educador e educando, deve ser levado em conta, sobretudo na formação em economia solidária. Então, não se concebe uma economia solidária sem uma cultura solidária. Daí, não se pode pensar numa cultura para a solidariedade sem a formação para a sensibilidade, que inclui o respeito e a valorização da diversidade cultural.

Sendo assim, uma educação para a cooperação e para a solidariedade, não é apenas uma opção ética. É uma condição humana necessária para o desenvolvimento pessoal e social. Respeitar os talentos de cada um, de cada uma, valoriza-los e promove-los, é um dever educacional e uma responsabilidade social e política de todos e de todas.

Segundo Gadotti (2009) as pedagogias clássicas não conseguem acompanhar a realidade econômico-política atual. Surge assim, “a necessidade de construir uma pedagogia da economia solidária”, a qual não se encarregue apenas de oferecer cursos, mas de construir valores, uma cultura pautada na coletividade, sendo o ensino da autogestão prático.

Então, o enfoque metodológico que a educação, nos moldes da economia solidária, deve contemplar é: a valorização dos educandos como sujeitos dotados de saberes e identidades socialmente construídas, reconhecer e valorizar a diversidade, ter como eixos o trabalho e a cidadania, currículo que envolva dimensões técnico-científica, sociopolítica, metodológica e ético-cultural. Os resultados obtidos contemplaram uma educação consciente e libertadora tornando o sujeito protagonista de sua história, bem como um ser ativo na (re) construção de sua sociedade.

Tendo seus valores fundamentais antecedentes a sua prática, a Economia Solidária está presente nas ações educativas, ao pensarmos em sua proposta de uma nova prática social, de um entendimento desta. Sendo essencial a prática da Economia Solidária para compreendê-la plenamente. O agir solidário pode ser

construído em diferentes lugares e momentos, principalmente, nas instituições de ensino. Segundo (Singer apud Gadotti, 2009):

A ligação umbilical da educação popular com economia solidária se deve ao fato de que esta se apoia em novos valores que, aplicados a atividades econômicas, exigem a invenção de novas práticas, que cabe à educação popular difundir entre aqueles que a peculiar dinâmica do capitalismo exclui do espaço econômico que ele domina.

(...) se esta pedagogia fosse aplicada nas escolas em todos os níveis de ensino, do jardim da infância à pós-graduação universitária, teríamos uma nova geração muito mais propensa a se engajar numa economia solidária, como modo de vida congruente com a sua vivência escolar.

Através da Educação Popular numa perspectiva da Economia Solidária é possível criar um diálogo constante com a comunidade, formar sujeitos que tenham consciência de seus direitos e de seu papel de cidadão, trabalhando com ações que integram a comunidade e desenvolvam a reflexão crítica sobre as questões que afetam o cotidiano das pessoas. A Educação Popular e o educador têm um papel fundamental de auxiliar no desenvolvimento da autonomia de pensamento dos indivíduos, o que se reflete em ações benéficas para a comunidade.

Admite-se e deseja, nestes novos tempos, que esta concepção de Educação Popular não seja adequada exclusivamente para os espaços não formais de educação. Aposta-se na sua capacidade de disputar na rede oficial de ensino, embora se admita que sua resignificação e fecundidade sejam maiores nos espaços não formais [...] Considera-se que esta tarefa é mais fácil ser levada a efeito quando existem governos democráticos e populares, mas também quando eles não existem, admite-se a possibilidade, desde que os sujeitos educadores queiram orientar as práticas educativas por estas perspectivas se disponham “a entrar na luta” e a projetar e vivenciar um outro modo de fazer a educação das classes subalternas. (PALUDO, 2001, p.206-207)

A partir desse aporte teórico, de pensar essa relação entre Economia Solidária e Educação Popular, apresentaremos uma experiência de Educação popular na cidade de Santa Maria visando a “integração” da ES em suas práticas pedagógicas.

CAPÍTULO 2 – RELATO DAS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA - AASM

É preciso diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, até que, em um dado momento, a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire

O presente capítulo tem o intuito de relatar as experiências vividas pela autora na AASM e correlacionar com os conceitos anteriormente trabalhados. Participaram desta pesquisa estudantes de diversas áreas de conhecimento da UnB e membros da comunidade de Santa Maria que usufruem dos serviços prestados e/ou fazem parte do corpo de co-laboradores da mesma.

Primeiramente apresentaremos a Região Administrativa XIII – Santa Maria, mediante dados colhidos de sites eletrônicos, e sob o olhar de moradora, e pertencente à região.

Em seguida, apresentaremos a AASM, uma ONG criada com objetivo de tirar crianças e adolescentes, de 7 a 17 anos, das ruas e evitar possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência, através de atividades esportistas, culturais, de lazer e com cursos profissionalizantes.

Mais adiante, trataremos do papel da Universidade de Brasília (UnB) que, por meio do Projeto de Extensão em Economia Solidária, deu sua contribuição para uma nova forma de se pensar e de se viver em comunidade.

Por fim, relataremos as experiências pedagógicas na AASM, por meio da apresentação das atividades desenvolvidas pelos Subgrupos de Trabalho.

A metodologia aplicada a presente pesquisa é de cunho qualitativo, a qual, segundo Oliveira,

[...] se preocupa com uma visão sistêmica do problema ou objeto de estudo. Tenta explicar a totalidade da realidade através do estudo da complexidade dos problemas sociopolíticos, econômicos, culturais, educacionais, e segundo determinadas peculiaridades de cada objeto de estudo. (OLIVEIRA, 2007, p. 58)

No viés da pesquisa de ação participatória, os resultados são obtidos durante as ações desenvolvidas e no decorrer do próprio estudo. No relacionamento entre pesquisador e o participante, e de crucial importância o diálogo, visto que, as opiniões e sugestões são discutidas no intuito da mudança de situação.

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo. [...] (THIOLLENT, 2007, p. 17, 18).

Sendo assim, a pesquisa não é apenas um processo de conhecimento para os pesquisadores, mais sim um processo de conhecimento, aprendizagem e mudança para os dois lados. Com relação à EP e a pesquisa participante, Brandão, afirma que, a primeira obteve da segunda,

(...) uma concepção teórico-metodológica de investigação social, a qual constrói conhecimento crítico e criativo da realidade com a participação dos envolvidos no processo, visando a um ensino/aprendizagem comprometido com a transformação social na perspectiva da autonomia dos sujeitos e da construção coletiva (BRANDÃO, 1984).

2.1 Breve Histórico Da Região Administrativa XIII – Santa Maria

A comunidade de Santa Maria surgiu a partir de uma área rural pertencente à cidade do Gama, no extremo leste do território, e foi fruto de programas de assentamentos habitacionais do Governo Joaquim Roriz, cujo intuito principal era angariar votos. Para atingir tal objetivo, um dos critérios era ter um membro deficiente na família, pretensamente, no intuito de erradicar invasões e atender a demanda habitacional de famílias de baixa renda.

Criada oficialmente pela Lei nº 348/92 e pelo Decreto nº 14.604/93, Santa Maria abrigou de início famílias que viviam em áreas não regularizadas ou que aguardavam a oportunidade de deixar o aluguel no passado e alcançar o sonho da casa própria. A região é rodeada por dois ribeirões: Alagado e Santa Maria, o primeiro deu nome a principal avenida.

Atualmente, Santa Maria é a Região Administrativa - XIII do Distrito Federal, sendo composta por áreas urbana, rural e militar. Os Núcleos Rurais Alagado e Santa Maria; Áreas Isoladas, Água Quente, Santa Bárbara e Colônia Agrícola Visconde de Inhaúma fazem parte da Região Administrativa. Na área militar estão localizados o Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo – CINDACTA do Ministério da Aeronáutica e a Área Alfa, pertencente ao Ministério da Marinha, além da parte urbana e o polo de desenvolvimento, e se localiza aproximadamente 26 km de Brasília.

Pelo decreto Nº. 23.208 de 23 de Outubro de 2002 (DODF- 24 Out 2002) o antigo Sítio do Gama um bairro de Santa Maria, idealizado e construído pelo Ministério da Aeronáutica, situado numa área de 1.132.844,40 m², próximo a BR-040 a cerca 2 km aproximadamente da Polícia Rodoviária Federal, passou a ser denominado Residencial Santos Dumont que conta com uma população de mais de 13.000 mil habitantes, sendo considerada a área nobre da região.

A região surgiu oficialmente no mapa do Distrito Federal no ano de 1993 com a publicação do decreto de nº 14.604. O aniversário da cidade é comemorado em 10 de fevereiro. Ocupando uma área de 211 km², possui segundo a Pesquisa Distrital de Amostra Domiciliar – PDAD/2013 uma população de 122.117 mil habitantes. Abaixo segue a comparação da população urbana de Santa Maria entre 2011 e 2013. Conforme dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN).



Figura 01 – Comparação da População Urbana de Santa Maria entre 2011 e 2013

Pela caracterização da população urbana, de acordo, com o PDAD/2013, a maioria da população é constituída por mulheres (51,20%), do total de habitantes (23,08%) têm até 14 anos de idade. A força de trabalho encontra-se no grupo de 15 a 59 anos, sendo (67,34%) do total. A faixa etária de 60 anos é quase (10%) da população.

No tocante a economia, no setor industrial - o Polo de Desenvolvimento Juscelino Kubitschek, mais conhecido como Polo JK, criado em 1994, ostenta 150 indústrias em funcionamento. Das quais se destacam: União Química de Brasília, Grupo Bimbo – Pullman, Refrigerantes Cerradinho e a Koc Pitt Calçados – as duas últimas, empresa criada por empreendedores da própria região. Elas empregam juntas em torno de 7,5 mil pessoas.

A renda da população (incluindo os programas sociais dos governos local e federal e a Economia Solidária e Informal, através das diversas ações comunitárias) mexe com a economia local. Em dezembro de 2010, foi inaugurado o Santa Maria Shopping, que conta hoje com mais de sessenta estabelecimentos, dentre eles, lojas de grandes redes brasileiras. Uma das principais avenidas de Santa Maria é a Avenida Alagados, onde se concentra boa parte da economia de Santa Maria e algumas agências bancárias, como: Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica Federal e Itaú. Tendo também, uma grande concentração de comércio em suas entre quadras.

Devido aos altos índices de violência e uso de drogas entre crianças e jovens na região (segundo relatos citados a seguir), a presidente da associação, Amparo, fundou em colaboração com a comunidade no mês de dezembro de 1998, a ONG Associação Atlética de Santa Maria, localizado na EQ 417/517 – Lote E, espaço cedido pelo governo federal.

2.2 A Associação Atlética De Santa Maria - AASM

Diante a amplitude da variedade de temas e atuações que são possíveis a uma ONG, o Banco Mundial, segundo Delgado (2004) a conceitua como: “ONGs incluem uma variedade ampla de grupos e instituições que são inteiramente ou largamente, independentes do governo, e caracterizadas por serem humanitárias ou cooperativas, do que por serem comerciais e objetivas”.

A Associação Atlética de Santa Maria, designada pela sigla AASM, foi oficialmente fundada (de direito) em dezembro de 1998, mas já exercia suas atividades desde o ano de 1995.

A AASM nasceu com objetivo de tirar crianças e adolescentes, de 7 a 17 anos, das ruas e evitar possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência, através de atividades esportivas, culturais, de lazer e com cursos profissionalizantes. Segundo relato da Presidente da AASM, a iniciativa surgiu após presenciar a morte de dois jovens adolescentes envolvidos com drogas.

Atualmente, atende aproximadamente 150 crianças e adolescentes com atividades de: futebol e dança. Além disso, oferece cursos de alfabetização e inclusão digital, manicure, cabeleireiro, bordados, reciclagem e multimistura para adultos, formando grupos de geração de renda. Nesse ponto, Guerra e Cruz (2009, p.96) afirmam que,

Tanto quanto os processos produtivos e associativos se constituem como processos pedagógicos, também os processos cognitivos que eventualmente se desenvolvem em torno das tarefas necessárias à consolidação do empreendimento - cursos, oficinas, círculos de discussão, os conhecimentos obtidos na escola formal - produzem grande impacto sobre os processos produtivos associativos.

Nos últimos anos, a AASM tem conseguido com o projeto “Bola no Pé e Escola na Cabeça” afastar as crianças e adolescentes das drogas e da violência. São em média 100 estudantes participando, anualmente, de aproximadamente seis torneios e/ou campeonatos.

A AASM, pessoa jurídica de direito privado, foi criada na forma de Associação/Entidade sem fins econômicos e lucrativos, político-partidários ou religiosos. A mesma tem realizado o seu trabalho, ao longo desse tempo, graças ao apoio e parcerias de instituições governamentais (da Administração Regional de Santa Maria e algumas Secretárias do Governo) e não governamentais (ONGs). Pois,

As ONGs são fundamentais para o funcionamento da democracia. Se elas não existissem, criariam um grande vácuo na sociedade, haveria um grande prejuízo para as populações mais pobres e

muitos serviços públicos essenciais não seriam prestados. Além do mais, na democracia, os cidadãos têm o direito de se organizar para intervir na vida pública. (GADOTTI, 2009, p.96)

Um exemplo dessas parcerias é o Projeto de Extensão em Economia Solidária da Universidade de Brasília.

2.3 O papel social da UnB, sob a luz da ES.

A finalidade primeira da universidade é a construção e disseminação de novos conhecimentos, portanto, deve desenvolver-se na tríplice perspectiva do ensino, da pesquisa e da extensão. Para conceituar a universidade adotei a concepção formulada por Chauí (2003, p.5) sendo, “[...] uma instituição social, isto é, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, dentre as quais se destacam a produção, sistematização e socialização do conhecimento e a formação integral dos educandos”.

A Universidade de Brasília tem por missão “ser uma instituição inovadora, comprometida com a excelência acadêmica, científica e tecnológica formando cidadãos conscientes do seu papel transformador na sociedade, respeitadas a ética e a valorização de identidades e culturas com responsabilidade social.” A tríplice concepção: ensino, pesquisa e extensão estão presentes no ambiente acadêmico e se (co) relacionam mediante as disciplinas e projetos propostos e desenvolvidos pela instituição. O campo de projetos é muito vasto dentro da universidade.

No Curso de Pedagogia, a formação acadêmica também compreende a relação dessa tríplice, com a construção teórico-prática dos conhecimentos no campo educativo. Essa aliança ocorre por meio dos projetos acadêmicos presentes desde o primeiro semestre de graduação. Como verificado no site da Faculdade de Educação da UnB, e disposto abaixo:

Os Projetos (1,2,3,4,5) são espaços curriculares específicos do curso de Pedagogia cujo objetivo é permitir ao aluno desenvolver uma trajetória acadêmica vivencial prática e reflexiva de atividades de ensino, pesquisa e extensão em instituições ou espaços que desenvolvem ações pedagógicas.

Os projetos são obrigatórios para a formação acadêmica e encontram no referido curso um vasto leque de opções. Vale ressaltar que cada fase dos projetos demanda um novo olhar e uma nova prática, pois, respeitam uma ordem cronológica. Sendo assim,

Os **projetos 1 e 2** são disciplinas obrigatórias com carga horária equivalente a 60 horas, que devem ser cursadas , respectivamente, pelos estudantes do 1 e 2 períodos e tem como foco levar o aluno a refletir sobre o que é a Universidade e o ensino Universitário e o que é a Pedagogia , ajudando-o construir um espaço de re-conhecimento das dificuldades e potencialidades da transição do ensino médio para o superior e subsidiando-o para que reafirme ou não sua escolha pelo curso de Pedagogia.

Projeto 3 (fases 1,2 e 3) Orientado por um docente e, em conjunto com outros estudantes na mesma situação, o aluno pode participar de atividades desenvolvidas pelo professor tendo oportunidade de conhecer espaços com diferentes modalidades de ensino e públicos –alvo, vivenciar ações de integração comunitária, de pesquisa , de docência e observação participante entre outras. As duas primeiras fases são obrigatória enquanto a terceira é optativa. A carga horária por fase é de 90 horas.

Projeto 4 (fase 1 e 2) Corresponde ao núcleo duro de estágio supervisionado, sendo composto de diferentes modalidades de trabalhos com prática docente realizadas pelo aluno em instituições escolares e não escolares. Neste momento os projetos 4 são alvo de debates entre os docentes que sentem a necessidade de reconfigurar sua estrutura de forma a adequá-los às necessidades de formação dos Pedagogos , bem como atender de forma efetiva às demandas das Diretrizes Curriculares da Pedagogia (CNE/CP, Resolução 01 de maio de 2006)

Projeto 5 ou TCC ou Trabalho Final de Curso – Neste espaço o aluno desenvolve um trabalho final de curso. O trabalho deve levar o aluno a refletir sobre sua trajetória educativa mais ampla, sobre suas vivências no curso de Pedagogia e apontar para a continuidade do processo formativo do aluno e suas expectativas profissionais ao final do curso. Além do memorial e perspectivas de futuro o aluno deve desenvolver também um trabalho em forma de monografia ou ensaio no qual o aluno aprofunda seu olhar de pesquisador encontrando as questões que o mobilizaram durante seu processo de formação.

Desse modo, no campo de projetos, esclareço com destaque o de Economia Solidária, oferecido pelo currículo da instituição desde 2003, e que segundo sua ementa:

(..) requer conhecer e praticar as metodologias de educação popular e desenvolver a pedagogia autogestionária em diferentes espaços de aprendizagens”. As atividades apresentadas nesse projeto têm como propósito apresentar o campo da Economia Solidária como movimento social e como política pública, de modo que permita o exercício da práxis pertinente à formação de pedagogos sociais e educadores em geral. O conhecimento oferecido pela Economia Solidária pode oferecer os dispositivos necessários a uma pedagogia do engajamento, por meio da prática da educação popular com crianças, jovens, adultos e idosos, em ambientes de aprendizagem escolar e não escolar. A abordagem freireana ação-reflexão-ação será desenvolvido ao longo do projeto”.

A metodologia presente no referido projeto “contribui para a formação dos estudantes como professores e educadores populares (...) na proposta de construção de outra economia e sociedade, tendo como pressuposto epistemológico e filosófico o campo da ES. Desenvolvendo assim, a tríplice, no **ensino**, por meio do preparo das oficinas de intervenção comunitárias, na **pesquisa** junto às comunidades relativa às relações pertinentes entre trabalho e formação para solidariedade e a **extensão** dado que as atividades de formação docente serão desenvolvidas com e para a comunidade.”.

No contexto dos Projetos Acadêmicos 3 e 4 tive contato com a temática de Economia Solidária. Os resultados obtidos desencadearam a presente pesquisa, a qual apresentará abaixo as experiências vividas na associação referida anteriormente. Para fins do presente trabalho, conceituamos o associativismo como,

(...) uma forma de expressão organizada da sociedade, que apela à responsabilização e à intervenção activa dos cidadãos, ao exercício activo da cidadania em todos os domínios da vida em sociedade. A sua mais valia reside, precisamente, no facto de ser um movimento de origem popular, que é gerado pela própria comunidade e que se “alimenta” da participação de cada um (PINHO, 2007 apud PARDAL, 2011).

2.4 Relatos de Experiências Pedagógicas na AASM

Para abertura das atividades ocorre no início do semestre uma reunião com todos os participantes, para o encontro dos veteranos e novatos, na UnB/FE. Nesse encontro tivemos uma aula teórica sobre a temática e conhecemos os Grupos de

Trabalhos (GTs). Nesse primeiro encontro confirmou-se a existência dos GTs das seguintes regiões: Sol Nascente, São Sebastião e Alto Paraíso.

Porém, foi aberta a possibilidade de reativar o GT de Santa Maria, que estava parado, mais ou menos por dois semestres. Assim sendo, os seguintes aspectos pautaram minha escolha de GT: o quantitativo de estudantes interessados pela Região, a facilidade de acesso, já que resido na comunidade, à possibilidade de ter meu filho próximo (o mesmo participou das atividades) e, o dia escolhido para intervenção, aos sábados.

2.4.1 Primeira Experiência – Experiências do 1º Semestre

Meu primeiro contato com a AASM ocorreu no dia, 11 de maio de 2013, neste dia foi apresentada ao Grupo de Trabalho – GT, a estrutura física da Associação e a Presidente da mesma, Dona Amparo, a qual em reunião com o grupo auxiliou no planejamento das atividades a serem desenvolvidas. Desse modo, e após verificar as necessidades da comunidade junto à associação, o grupo acordou em dividir-se em Subgrupos de trabalho – SubGTs, de acordo com as possibilidades e qualidades de cada membro. Vale ressaltar, a importância de se pensar em conjunto com a comunidade e desenvolvendo assim (...) “Pedagogia do Oprimido: (sendo) aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade (FREIRE, 1987, p.17).”

Inicialmente apresento o SubGT de artesanato, ao qual estive inserida durante o primeiro semestre. Adiante apresento o restante dos SubGTs com um olhar de observadora/participante, por parceiras feitas entre os grupos. Ressaltando que os temas foram abordados nos grupos sob o olhar da ES e da EP, que em sua essência consideram o saber popular como ponto de partida. Segundo Freire (1996, p.49),

O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações políticos-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra".

- **SubGT – Oficina de artesanato infanto-juvenil**



Figura 02 – Oficina de produção de chaveiro à esquerda e decoração de garrafas abaixo.
Fonte: acervo pessoal

Com o quantitativo de 7 crianças, em média, com a faixa etária entre 8 a 14 anos, sendo 2 do sexo masculino foram trabalhadas oficinas manuais na produção de objetos utilizando materiais recicláveis. O referido grupo tinha por objetivo ministrar oficinas de artesanato para crianças e adolescentes. O artesanato partiu da vontade de trabalhar com as crianças conceitos acerca da reciclagem, da sustentabilidade, do trabalho e renda, e temas presentes na realidade da comunidade, como, drogas, gravidez precoce, violência, entre outros.

Nas oficinas de artesanato foram utilizados para a confecção dos objetos, materiais recicláveis como, garrafas pets e de vidro, caixas de leite, entre outros, sendo trabalhados temas do cotidiano dos participantes. Dentre as atividades desenvolvidas tivemos à produção de chaveiros feitos de tecido e costura a mão, a confecção de adesivos para unha, de bolsas/carteiras feitas com caixas de leite, bem como, a decoração da sala em que os trabalhos eram desenvolvidos.

No decorrer do processo foram abordadas as temáticas relacionadas, principalmente, ao meio ambiente, tendo como principal foco o consumismo em

contradição com a sustentabilidade. No intuito de possibilitar o processo de conscientização dos sujeitos, por meio do diálogo e da prática, para a possibilidade e necessidade da reutilização e reaproveitamento de materiais, utilizando o artesanato na produção de objetos e decoração de ambientes.

As crianças não compareciam todos os dias, desse modo, o grupo de artesanato atendia a outro público. Em parceria com o Professor Carlos, o qual desenvolve voluntariamente atividades de pintura em tecido, produção de objetos em biscuit, entre outros, foi organizada uma oficina para confecção de vasos para flores de garrafas de vidro. Participaram um grupo de oito mulheres que se reversavam entre as oficinas de croché, de pintura e artesanato.

Outra iniciativa foi à produção de tapetes, na qual foram utilizadas como componente curricular prima, mantas recebidas por doação da Empresa Aérea TAM. Essas mantas além de serem vendidas a baixo custo, também eram utilizadas nas oficinas para produção de peças, e ainda transformavam-se em roupas de frio pelas mãos da presidente da AASM. Essas ações tinham, além dos objetivos anteriores, o intuito de arrecadar verbas para manutenção da ONG.

Sendo assim, procuramos colocar em prática, pelo menos três das principais ações e/ou valores da ES: consumo consciente, em oposição ao individualismo econômico; reaproveitamento/reciclagem, em oposição ao consumismo e, consequentemente, sustentabilidade em oposição à ação degradadora, ou seja:

Quando associamos a **economia solidária** ao **desenvolvimento sustentável**, e mais precisamente à vida sustentável, é porque entendemos a sustentabilidade como o sonho de bem-viver, o equilíbrio dinâmico com o outro e com a natureza, a harmonia entre os diferentes, princípios perseguidos também pela economia solidária. Para nós, sustentabilidade implica respeito à vida, cuidado para com o planeta e para com toda a comunidade da vida, começando por nossas atividades cotidianas, para sermos coerentes. Ela se opõe a tudo o que sugere egoísmo, individualismo, injustiça, dominação política e exploração econômica. (MOVA-BRASIL, 2014, p.19).

Tais ações, como podem ser observadas, estará presentes em todas as atividades desenvolvidas, o que pode ser verificado nos relatos que se seguem.

SubGT – Horta



Figura 03 – Imagens do espaço utilizado para construção da horta.
Fonte: acervo pessoal

O referido SubGT, objetivava, também, a utilização dos espaços alternativos da AASM para a construção de uma horta comunitária. No intuito de induzir as pessoas a uma alimentação saudável, além de colocar em prática os princípios da Economia Solidária. Para o desenvolvimento do trabalho a Presidenta solicitou junto à Administração Regional um trator para remoção do gramado. Mais adiante houve a fertilização, preparo do solo e a divisão dos canteiros feito com garrafas pet abastecidas de água. Para a preparação do adubo foi utilizado restos de alimento. Foram plantadas mudas de cebolinha, cominho, pimenta, arruda entre outras.

Neste processo um dos objetivos foi à aplicação pedagógica e interdisciplinar da matemática e da leitura como uma metodologia de ensino. O próximo objetivo é a ampliação dos canteiros e formas de manutenção, novo plantio e a colheita.

A ES sendo um novo modelo de desenvolvimento sustenta uma ética inspirada na experiência prática dos povos e grupos sociais que optam por uma vida saudável e ecologicamente correta. Desse modo,

Educar para a sustentabilidade implica mudar o sistema, implica o respeito à vida, o cuidado diário com o planeta e cuidado com toda a comunidade da vida, da qual a vida humana é um capítulo. Isso significa compartilhar valores fundamentais, princípios éticos e conhecimentos como: respeito à terra e a toda a diversidade da vida; cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor; construção de sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas. A sustentabilidade é um conceito central de um sistema educacional voltado para o futuro. (MOVA-BRASIL, 2014, p.34)

- **SubGT - Oficinas de Crochê**



Figura 04 – Grupo de mulheres participantes das oficinas de crochê.
Fonte: acervo pessoal

Tendo um quantitativo de 8 mulheres em média, com a faixa etária bem variada, o GT de crochê desenvolveu seus trabalhos visando a geração de renda para mães e avós de estudantes(as). Já que, boa parte encontrava-se desempregadas e sem renda fixa.

Com o intuito de ensinar o ponto básico do croché e a confecção de peças através deste, a criação do grupo chamou a atenção por ser uma porta para a entrada de crianças, ou vise e versa, na associação. Percebeu-se que, se as mães (responsáveis) das crianças que se inseriam em uma atividade, a possibilidade da criança também se inserir era maior do que o oposto. A intenção era incentivar o acesso da comunidade, como também as relações familiares.

A temática do trabalho e renda foi abordada, pois a produção dos objetos poderia ser de uso pessoal, como também, poderiam gerar renda aos produtores. Principalmente os participantes desempregados. Já que,

A economia solidária tem se constituído numa grande estratégia de enfrentamento do desemprego e da exclusão social. Ela também exige uma qualificação sócio-profissional específica. Para sermos coerentes com os princípios da economia solidária, essa qualificação deve respeitar os saberes produzidos pelos educandos; devemos construir a programação junto com eles e utilizar metodologias participativas. Na economia solidária, os que sabem ler ensinam aos que não sabem ler, respeita-se o ritmo de cada um, todos se sentem acolhidos. A produção associada gera valores solidários. (MOVA-BRASIL, 2014, p. 29)

Assim sendo, no processo educativo “o trabalho é a ação transformadora que o ser humano realiza sobre a natureza, sobre o meio ambiente em que vive e, ao modificar a natureza, ele modifica também a sua maneira de pensar, de agir e de sentir, transformando não só o meio ambiente, mas também a si mesmo como ser humano” (MOVA-BRASIL, 2014, p.9).

Nesse contexto, “o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. (...) (refletindo assim), sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem.” (FREIRE, 1987, p. 123).

- **SubGT – Reforço Escolar:**



Figura 05 – Imagens das aulas de reforço escolar.
Fonte: acervo pessoal

Inicialmente a faixa etária para as aulas de reforço era de 6 a 14 anos, ou seja, para estudantes do Ensino Fundamental, porém, de acordo com as necessidades da comunidade o grupo também recebeu estudantes do Ensino Médio. O quantitativo de crianças era variável, contudo uma média de 10 crianças se dividiam entre as disciplinas de Português, Matemática e Inglês, sendo posteriormente oferecido as disciplinas de física e química.

As aulas oferecidas tinham o objetivo de ajudar os estudantes em suas dificuldades escolares, como também trabalhar temas transdisciplinares que auxiliassem as crianças em seu desenvolvimento em comunidade, assim a metodologia da EP demandava um olhar crítico sobre os temas em decorrência do processo ação-reflexão-ação, valorizando o conhecimento que os(as) educandos(as) já tinham. A leitura do mundo se torna crucial nesse processo, visto que, “ela é um caminho por meio do qual se busca conhecer os educandos e seus contextos e, assim, estabelecer uma relação de organicidade entre o que se aprende (...), e a realidade vivida pelos educandos, contribuindo para viabilizar a transformação social (MOVA-BRASIL, 2014, p.15).”

Meu contato com o reforço escolar se alargou para além do planejamento do grupo com as necessidades da comunidade e com a inclusão do meu filho no processo. O presente grupo foi o que mais atendeu as necessidades da comunidade. Porém, muitas das crianças eram inseridas apenas não aulas de reforço e não interagiam com as outras atividades. Desse modo, o grande desafio foi esclarecer aos pais que o intuito do grupo não era o assistencialismo, explicar aos mesmos, que as ações desenvolvidas pelo grupo não era somente voltadas para auxílio no processo de escolarização dos estudantes, e sim, a conscientização do mesmo para sua realidade de vida. Nesse processo, Freire, ressalta que na prática educativa-crítica, como experiência humana,

(...) a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. (FREIRE, 1998, p. 110)

- **SubGT– Estratégias de Marketing:**

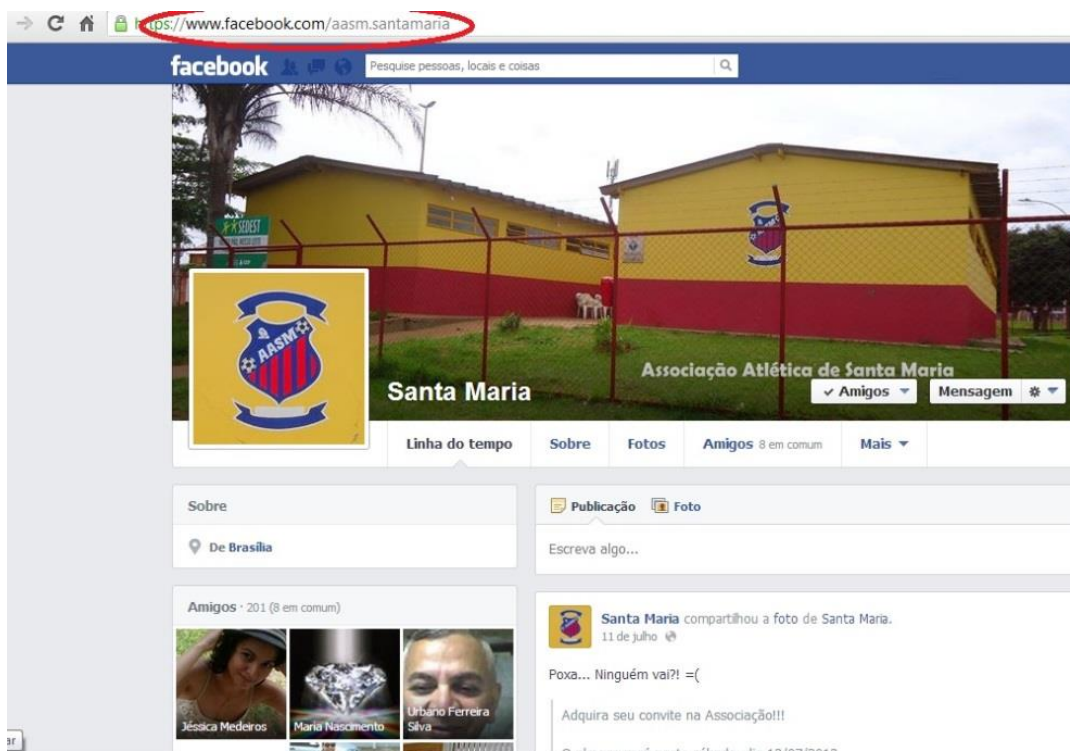


Figura 06 – Página criada em rede social para divulgação da Associação.
Fonte: acervo pessoal

Objetivando a divulgação da AASM para uma aproximação com a comunidade, o referido grupo, iniciou suas atividades com a construção de duas páginas no Facebook. A primeira visava à divulgação de eventos na AASM, como os cursos desenvolvidos no decorrer da semana e, as oficinas oferecidas aos sábados pelo Projeto de ES, como as da própria instituição. Já a segunda serviu como meio de comunicação para os membros do GT de Santa Maria, que utilizavam o canal para orientações da disciplina e planejamento das atividades em conjunto.



Figura 07 – Grupo criado em rede social para orientações da disciplina, entre outros.
Fonte: acervo pessoal

Outra demanda do grupo foi à formulação de material impresso – panfletos e cartazes - para divulgação das atividades da AASM, juntamente com as atividades desenvolvidas pelo GT da UnB. Visando, desse modo, um aumento do público na associação, como também, a conscientização da comunidade para existência e as atividades desenvolvidas pela mesma. Já que, “a investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar.” (FREIRE, 1987, p. 119)

- **Fechamento do semestre: Evento Beneficente**



Figura 08 – Evento beneficente I - Imagens de alunas do projeto à direita e acima, do aluno abaixo na exposição dos materiais e da moradora à esquerda abaixo.

Fonte: acervo pessoal

No decorrer das reuniões desenvolvidas ao término de cada encontro surgiu à ideia de organizar um evento final que pudesse atrair a comunidade, como também possibilitar a exposição dos trabalhos produzidos nas oficinas.

Sendo assim, foi acordado que o fechamento seria com uma galinhada. Para obter recursos financeiros para produção de tal, foi sugerido que o valor do convite seria de R\$ 5,00. Contudo, e no intuito de chamar a atenção e ao mesmo tempo divulgar a AASM para comunidade resolvemos buscar patrocínio do comércio local, solicitando subsídios financeiros e/ou doação dos ingredientes a serem utilizados no dia em questão.

Apesar dos esforços o retorno obtido foi negativo, visto que, os estabelecimentos receberam de muito bom grado os ofícios de solicitação, prometendo dar um retorno, mas nada foi obtido por essa via. Nesse caso, além da verba obtida com a venda dos convites, ficou acordado que cada aluno do GT contribuiria com o valor de R\$ 2,00 para auxiliar no desenvolvimento das atividades.

No dia do fechamento das atividades na AASM, os SubGTs foram divididos para a organização e realização do evento. Durante a manhã, foram expostos os trabalhos realizados durante nossas atividades no local, os quais também foram vendidos para arrecadação de verbas para a Associação. Também, foram realizadas brincadeiras com as crianças, oferecendo brindes (doados pelos estudantes da UnB participantes), os quais também se envolveram nas atividades lúdicas.



Figura 09 – Evento beneficente II - Imagens da exposição dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas.

Fonte: acervo pessoal

Apesar de um comparecimento razoável da comunidade ao local, não houve muita permanência no mesmo, pois a maioria optou por comprar a Galinhada e comer em casa. Muitos moradores inclusive achavam que a Associação estava desativada. Averiguamos assim, que a baixa demanda de público, poderia ainda estar ligada, apesar dos esforços depreendidos no chamamento da mesma, na falta de informações. Todavia, o grupo acredita que mudanças são possíveis, isso só depende de não nos acomodarmos com a realidade imposta, pois “constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa

e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela (FREIRE, 1996, p.46).”

2.4.2 Segunda Experiência - Experiências do 2ºSemestre

Nesse semestre e mediante a metodologia do projeto, também tivemos um encontro inicial na UnB/FE. Para espanto e alegria dos veteranos tivemos um aumento no quantitativo de estudantes interessados em participar do GT de Santa Maria, se engajando na busca para acesso na associação e melhoria da comunidade

No dia 14 de Setembro de 2013, retomamos os trabalhos na AASM. Inicialmente apresentamos a associação para os novos integrantes do GT. Depois disso iniciamos um debate sobre as atividades já realizadas no semestre passado e o que continuaria sendo ofertado. No decorrer do debate surgiram muitas ideias, sendo boa parte delas voltadas para inclusão da comunidade no ambiente da AASM.

Uma delas, era a de divulgar a associação com o que chamamos de “Sábado Animado”, com brincadeiras/pintura de rosto/cama elástica/esporte/lanches para as crianças. O intuito era atrair as crianças e os seus pais para dialogarmos sobre as reais demandas da comunidade e apresentar o ambiente da associação e suas ofertas para a comunidade, como as oficinas e cursos oferecidos pela instituição.

Diferente do semestre anterior, no intuito de chamar a atenção da comunidade local para as atividades desenvolvidas/oferecidas pela AASM, os estudantes da UnB resolveram fazer um evento para o fechamento das atividades. Nesse semestre o acordado foi um evento com o mesmo intuito, porém realizado no início das atividades. Então ficou decidido que no dia 28/09/2013 aconteceria o “Sábado Animado”, que teve os seguintes atrativos: brincadeiras, pintura de rosto, pipoca, pula-pula, cachorro-quente e refrigerantes.

No encontro que antecedeu ao evento, o GT saiu às ruas para divulgação do “Sábado Animado”. Foram fixados cartazes em pontos estratégicos, como: comércio local e escolas próximas à associação. Durante o deslocamento no meio das

quadras, o grupo distribuiu os folders convidando a comunidade à participação no evento.

O Sábado Animado – Uma possibilidade para o encontro com a comunidade.



Figura 10 – Imagens das crianças se divertindo, na pintura de rosto, os alunos do projeto produzindo cartazes de divulgação, alunos do projeto na cozinha preparando o lanche e as crianças participantes lanchando.

Fonte: acervo pessoal

No dia 28 de setembro o GT de Santa Maria promoveu o Sábado Animado, evento para chamar a comunidade, crianças, jovens, adolescentes, homens, mulheres, todos os interessados em se engajar na transformação da comunidade. E tendo a associação como um ponto de partida que, por meio das oficinas e cursos que oferece, já havia ajudado muita gente.

Fomos surpreendidos com a presença de tantas crianças (de várias idades). Além disso, foi perceptível a satisfação das crianças em participar do evento, perguntaram se voltaríamos no próximo sábado e se poderíamos ir embora mais tarde.

Foi promovida uma gincana para “distrair” as crianças que tiveram acesso a pintura de rosto, leitura de histórias, cama elástica e diversas brincadeiras de grupo. Foi servido como lanche pipoca, cachorro-quente e refrigerante para todos os participantes, estudantes e crianças da comunidade, propiciando assim o bom andamento das atividades.

As crianças que compareceram foram cadastradas para participarem do reforço escolar, através do diálogo entre os estudantes da UNB e as mesmas, no qual perguntávamos a idade das crianças, as componente curricular que tinham facilidade e dificuldade, preenchendo fichas que nos auxiliaram a determinar o quantitativo de inscritos.

Diante da participação da comunidade, observada no semestre anterior, decidimos incluir outro diferencial para execução das atividades: as crianças envolvidas – público principal nesse semestre - deveriam estar inseridas nas atividades dos três SubGTs. Desse modo, cada atividade teria a carga horária de 40 minutos.

Para o melhor andamento do projeto, nesse semestre cada subgrupo elaborou um plano de trabalho (ver nos anexos). Decidimos acrescentar mais um grupo, o grupo de esportes, pois, as crianças que não participavam do projeto de futebol, não tinham outra atividade desportiva a fazer. Também foram retirados os grupos de croché e da horta, já que, os estudantes que ministravam tais oficinas não mais se encontravam inseridas no GT Santa Maria. Assim, nesse semestre, tínhamos os seguintes SubGTs: artesanato, reforço e esporte.



Figura 11 – Imagens da oficina de artesanato.
Fonte: acervo pessoal



Figura 12 – Imagens das aulas de reforço escolar.
Fonte: acervo pessoal



Figura 13 – Imagens da aula de esportes.
Fonte: acervo pessoal

Apesar da carência de público na associação, e principalmente os sucessivos feriados aos sábados (dia dos encontros), o grupo não se deixou abalar. Passamos a valorizar ainda mais a minoria que assiduamente participava das atividades aos sábados.

No fechamento do semestre o GT organizou uma festa surpresa para uma das alunas da associação. A aluna G, estava completando mais um ano de vida e aproveitamos a oportunidade, pois a mesma sempre reservava o sábado para as atividades na Associação.



**Figura 14 – Imagens do fechamento do semestre com o aniversário de uma das aulas participante na associação.
Fonte: acervo pessoal**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, desenvolvida como Trabalho de Conclusão para o Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, resulta dos questionamentos acerca da relação entre a educação popular e a economia solidária no campo pedagógico.

Por meio deste estudo pudemos refletir de maneira teórico-prático a importância dos princípios da educação popular solidária, e a sua contribuição no campo pedagógico para uma educação emancipatória e igualitária, na qual os sujeitos são protagonistas da sua própria história e buscam a melhoria da coletividade.

Um dos aspectos importantes desse trabalho foi à verificação de que os princípios da educação popular e da economia solidária se coadunam ao possibilitar um contraponto ao modelo vigente. Apontando para um novo fazer econômico, mas principalmente, para um novo fazer educativo.

Na reflexão sobre a formação do pedagogo verificamos que os princípios da educação popular são os pilares para uma prática docente favorável ao desenvolvimento dos princípios da economia solidária. Valendo ressaltar, que o profissional em educação deve estar consciente que não se pode distanciar a sua fala de sua prática.

Como toda educação é um ato político, o local onde se encontram os educandos, suas visões de mundo, suas histórias de vida e sobrevivência implicaram no primeiro momento em “estranhamento”, posteriormente ficou perceptível às riquezas de experiências que poderíamos mediatizar pelos princípios da educação popular e a economia solidária.

Dessa forma, com o desenvolvimento dos trabalhos, ficou constatado que é preciso humanizar o currículo e as práticas pedagógicas dos docentes, pois o cotidiano dos estudantes e das famílias presentes na associação nos suscita essa transformação. Assim, os princípios da ES e da EP contribui para a formação do pedagogo, vias sua pratica em ambiente escolar ou não, pois estão implícitos nas ações de transformação social, gerando uma sociedade mais democrática e igualitária.

De maneira geral, a experiência na AASM foi de muita valia para todos os que estiveram envolvidos no processo, já que, proporcionou aprendizados amplos e contínuos nas diferentes práticas abordadas nos encontros. E, segundo Singer apud Gadotti, 2009:

Quem se engaja na economia solidária trabalha e ganha à vida e ao mesmo tempo luta por uma sociedade mais justa, mais ecológica etc. Portanto, tem muito mais a aprender do que quem se amolda aos valores hegemônicos e adota práticas consagradas pelos costumes e pelo senso comum.

Devemos considerar que como dever educacional e uma responsabilidade social e política, o respeito aos talentos de cada sujeito foi crucial para o desenvolvimento das atividades, sendo assim, obtivemos a oportunidade de aprender com os estudantes que participavam do curso. Muitos trouxeram conhecimentos adquiridos em suas vidas. Na oficina de artesanato, por exemplo, era passado um trabalho manual, mas nem todas as pessoas faziam da mesma forma, pois cada uma personalizava com suas ideias, com o seu gosto, e assim o individual contribuía com o exercício do coletivo. As ideias eram compartilhadas e o grupo se apropriava para aperfeiçoar os trabalhos manuais.

O grupo vivenciou os princípios da solidariedade no trabalho realizado na Associação Atlética de Santa Maria. Quando abriu espaço para o diálogo e permitiu a troca de ideias e experiências. Fato que gerou a construção de um plano de trabalho, realizado por meio das oficinas manuais e os conteúdos “teóricos”. Todas as oficinas foram elaboradas com a participação de todos os discentes, concretizando assim, uma metodologia participativa – pressuposto tanto da EP quanto da ES. Ou seja, o fazer-aprender-ensinar coletivo, pois:

Durante as práticas de trabalho, há produção de bens materiais, mas também construção de representações e saberes, ou seja, de habilidades técnicas, saberes sobre o trabalho e sobre as relações em que se produz o trabalho e o trabalhador. Dessa forma, o ato de trabalho constitui em si uma instância de produção-formação, em que o trabalhador articula o que-fazer com o pensar, cria sistemas, técnicas, busca fundamentos práticos e teóricos para dar sentido à sua atividade. (MOVA-BRASIL, 2014)

O ambiente de trabalho na associação é muito amplo e oferece muitas oportunidades para qualquer pessoa que queira se engajar no trabalho. Todavia, não há uma participação significativa da comunidade na Associação aos sábados, pois foi verificado que na semana o quantitativo do público é bem maior. O fortalecimento da comunidade no ambiente da entidade se faz necessário para a renovação tanto de forças de trabalho como na manutenção e disseminação da Economia solidária.

Contudo, vale destacar que a AASM, ainda não contempla todos os princípios da ES, visto que, a viabilidade econômica e a autogestão, ainda se encontram em processo de fermentação. A associação ainda toma suas decisões, mediante as reuniões da diretoria, e a renda obtida dos trabalhos não é distribuída igualmente. Nesse sentido, ainda é vista pela comunidade como assistencialista. Cenário que deve ser mudado para efetivação das práticas solidárias. Pois, segundo Freire, “o grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a “abertura” de sua consciência que, nas democracias autênticas há de ser cada vez mais crítica”. (1975, p.57).

Apesar dos feriados que dificultaram muito a sequência do cronograma de atividades e diminuíram os encontros na associação, acredito que o trabalho desenvolvido foi produtivo, tanto para os estudantes, como para os participantes. Muito ainda precisa ser feito para a melhoria da AASM, todavia, as atividades desenvolvidas no decorrer desses dois semestres mudou significativamente a vida dos envolvidos.

Finalizando este trabalho podemos ressaltar que as atividades em campo no processo ação-reflexão-ação, contribuíram para uma formação por meio de uma educação para a solidariedade e para cooperação. A convivência com os colegas universitários, com a comunidade e os demais frequentadores da associação veio ampliar minha bagagem cultural. Os desafios em planejar, executar e avaliar as oficinas de artesanato com as crianças foi compensado pelo aprendizado obtido, já que, contemplar os princípios da economia solidária e a realidade vivida pelos estudantes, por meio da arte e do diálogo foi muito gratificante.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Perspectivas para o amanhã!

O que eu espero do futuro é poder buscar cada vez mais o aprimoramento dos meus conhecimentos e experiências. Sendo assim, espero dar logo continuidade à minha carreira profissional, através de cursos de especialização almejando o mestrado. Pois, só caminhando nessa direção poderei realmente contribuir de forma mais ampla com o aprendizado das crianças rumo a uma educação de qualidade, nos princípios da Educação Libertadora em vias de uma Economia Solidária.

Ademais, as inquietações despertadas no decorrer dessa experiência e a busca de conhecimentos nessa área, me induzem a certas esperanças para o futuro dessa nova geração em início de aprendizagem escolar e as presentes nos movimentos populares, pois, se é nas crianças que está o futuro e se o futuro depende do hoje, façamos do nosso hoje o melhor, assim com certeza nosso amanhã também será melhor.

Tenho esperanças em assumir um cargo público no próximo ano, nesse sentido estou aguardo o resultado final do processo seletivo para Prefeitura de Valparaíso. Pretendo ainda me inserir nos movimentos populares ao meu alcance, a fim de compartilhar os conhecimentos e experiências adquiridos, e aprender junto com a comunidade, para isso, o voluntariado poderá ser uma das vias. Reconheço que a minha inserção em uma ONG na infância, muito contribuiu para ser quem sou hoje; sendo assim, sinto como se tivesse uma dívida a pagar, trabalhando com os outros na busca pela transformação da sociedade sob a perspectiva dos princípios da EP e da ES, procurando não deixar que as minhas palavras se distanciem das minhas ações, como viveu e defendeu Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

Administração Regional de Santa Maria RA XIII,
<<http://www.santamaria.df.gov.br/sobre-a-secretaria/conheca-nome-ra-ra-xix.html>>.
Acesso em: 23 set 2014.

ALMEIDA, L. P.; SAMPAIO, J. H. Extensão Universitária: aprendizagens para transformações necessárias no mundo da vida. p 33- 41

ARROYO, João Cláudio Tupinambá; SCHUCH, Flávio Camargo. Economia Popular e Solidária: A alavanca para um desenvolvimento sustentável. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

BEISIEGEL, C, de R. Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1989.

Blog da Associação Atlética de Santa Maria. Disponível em:<<http://associacaoasm.blogspot.com/2011/05/historia.html>>. Acesso em BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire. 2009. Disponível em:
<http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000169/EdL_Cultura_Rebelde_escritos_sobre_a_educacao_popular_ontem_e_agora_Carlos_Rodrigues_Brandao_Raiane_Assumpcao.pdf>. Acesso em: 09 out 2014.

CARVALHO, Sônia M. S. Tese de doutorado: Desafios e vínculos sociais na sociedade do trabalho contemporâneo: experiência de economia solidária no Distrito Federal e entorno. Brasília, 2008.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. Revista Brasileira de Educação, n. 24. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEP: Autores Associados, set-dez/2003.

Companhia de Planejamento do Distrito Federal.
<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/PDAD/2013/PDADSanta%20Maria.pdf>. Acesso em: 17 out 2014.

Conferência Nacional de Educação. Marco de Referência da Educação Popular para Políticas Públicas, 2014. Brasília.

CRUZ, Antonio; GUERRA, Janaína da Silva. In: HERBERT, Sérgio et al. DOWBOR, L. “Prefácio”. In: FREIRE, P. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho d’Água, 1995.

FBES. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em:
<<http://www.fbes.org.br/index.php>>. Acesso em 06 set 2014.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org). Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos Paulo Freire. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. In: CINTRA, Benedito Eliseu Leite. Paulo Freire entre o grego e o semita. Educação: filosofia e comunhão. Porto Alegre: 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Política e Educação: ensaios. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo; RIVIÈRE, P. O Processo Educativo segundo Paulo Freire & Pichon-Rivière. Petrópolis: Vozes, 1991.

GADOTTI, Moacir e GUTIÉRREZ, Francisco. Educação Comunitária e Economia popular. São Paulo: Cortez, 1993.

GADOTTI, Moacir. Economia Solidária como práxis pedagógica. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, Moacir. Estado e Educação Popular. 1992, Disponível em: <http://pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/eja/estado_e_educacao_popular_moa_cir_gadotti.PDF>. Acesso em: 12 out 2014.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. 1992, Disponível em: <http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1_gadotti.pdf> Acesso em. P. 21 a 27.

GADOTTI; TORRES, G. Educação popular: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez/Edusp, 1994.

GUTIÉRREZ, Francisco. Educação como práxis política. São Paulo: SUMMUS, 1988.

HADDAD, Sérgio (Coordenador). Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998). 2002. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2429/1/estado_arte_>. Acesso em: 03 out 2014.

INSTITUTO PAULO FREIRE (Brasil). Cadernos de Formação: Economia Solidária. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.movabrasil.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Caderno_4_Economia-solidaria2014.pdf>. Acesso em: 15 nov 2014.

INSTITUTO PAULO FREIRE (Brasil). Cadernos de Formação: Educação Popular. São Paulo, 2014. Disponível em: < http://www.movabrasil.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Caderno_3_Educacao-popular_2014.pdf>. Acesso em: 15 nov 2014.

KRUPPA, Sonia M. Portella. Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos. Brasília, INEP: 2005, p. 27

MARIALVA, Maria E. A. Educação Popular: Trajetória e Tarefas no Brasil. Campinas, 2009. Disponível em: < http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario4/trabcompletos_estado_lutas_sociais_e_politicas_publicas/Trabcompleto_educacao_popular.pdf>. Acesso em: 12 out 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como Fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PALUDO, Conceição. Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular. – Porto Alegre: Tomo Editorial; Camp, 2001.

PINHO apud PARDAL, M. Dissertação de Mestrado. Empenhamiento das Associações de Desenvolvimento Local das Actividades de Educação e Formação de Adultos – Avaliação e Funções: O Caso de Mértola. FARO, 2011. Disponível em: <<http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3148/1/Tese%20-%20Isabel%20Pardal.pdf>>. Acesso em: 20 nov 2014.

PONTUAL, P. de C. O Processo Educativo no Orçamento participativo: Aprendizado dos Atores da Sociedade Civil e do Estado. 2000. 305 f. Tese São Leopoldo: Oikós, 2009. p. 90-105.

SINGER, Paul. A economia solidária como ato pedagógico. In: Kruppa, Sonia M. Portella (org.). Economia solidária e educação de jovens e de adultos. Brasília: Inep/MEC, 2005, p. 15-20.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TAUILE, José Ricardo; RODRIGUES, Huberlan. Economia Solidária e Autogestão: A criação e recriação de trabalho e renda. P. 35, 43, 2004.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TORRES, Carlos Alberto (1996). A voz do biógrafo latino-americano. In: GADOTTI, Moacir et al. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez.

WERTHEIN, J. (org.) Educação de Adultos na América Latina. Campinas/SP: Papyrus, 1985.

ANEXOS

Panfletos feitos para a divulgação do trabalho

Associação Atlética de Santa Maria
Apresenta:



END: EQ 417/511 LOTE "E" SALÃO DE MÚLTIPLAS FUNÇÕES
TEL: (51) 3394-1235
E-mail: associacaosam@hotmail.com

Venha participar da vida da comunidade e
aproveitar diversas atividades como:

- Aula de Reforço Escolar
- Aula de Artesanato
- Prática Esportiva
- E muito mais.....

Todos os sábados a partir das 9hs.

Patrocínio:



laymary616@hotmail.com

apoio:

Associação Atlética de Santa Maria

Plano de Trabalho do Gt de Santa Maria

Universidade de Brasília – UnB Faculdade de Educação – FE Projeto 3 fase 1,2 e 3 e Extensão Comunidade: Santa Maria PLANO DE TRABALHO	
Grupo de Trabalho:	Administração/Apoio
Integrantes do Grupo:	Rafael Porto Santori, Raísa Elita Gonçalves de Paiva, Davi Mayron Franzim Miranda, Lucas Eduardo Xavier, Thaís Miranda Cesar, Aline Silva Almeida, Gislayne Furtado Guimarães, Gedeon Junior, Jucielly, Artur Gallisa, Daiana Carina B. Araujo, Fernanda de Araujo Campos, Layanne Coelho, Kesley Fonseca.
Metodologia:	O grupo será composto por pessoas que estarão preparadas para dar suporte as demais atividades da comunidade. Nesse sentido, caso algum GT esteja precisando de apoio em alguma atividade, poderá ser amparado pelo grupo administrativo. Além disso, o GT da Administração também poderá auxiliar na divulgação de eventos e fazer o controle financeiro das atividades.
Proposta de ação/ atividade:	As principais atividades desse grupo estão centradas na integração, coordenação, apoio, divulgação e controle. Dessa forma, o grupo poderá atingir os objetivos propostos.

Objetivo geral:

O Grupo de trabalho de administração foi instituído por haver a necessidade de um grupo para auxiliar e integrar os demais GT's já existentes. Sendo assim, esse grupo ficará responsável pelas atividades de integração entre os grupos, coordenação e apoio.

Objetivos Específicos:

- Planejar e montar a mini-biblioteca: devido ao anseio que a associação tem de ter uma biblioteca no local, vamos organizar o espaço físico para receber essa mini-biblioteca.
- Divulgação de eventos: o GT de administração estará responsável por divulgar os eventos e atividades que serão realizadas para a sociedade de Santa Maria.
- Controle financeiro: o GT de administração também ficará responsável pelo controle financeiro do GT de Santa Maria, fazendo assim os demonstrativos de Receita e Despesa do semestre.
- Arrecadação de livros e objetos.

Data	Ação	Metas	Tempo previsto	Recursos	Responsáveis	Observações
21/09	Arrecadação de livros e objetos	Dar suporte para a biblioteca e artigos para o bazar	Essa atividade será realizada por todo o semestre	Materiais de divulgação	Todo o grupo	
21/09	Controle Financeiro	Controlar os recursos arrecadados e gastos	Essa atividade será realizada por todo o semestre	Serão elaborados demonstrativos de receita e despesa	Não definido	
21/09	Divulgação de eventos	Dar suporte a divulgação das atividades que serão realizadas na comunidade	Essa atividade será realizada por todo o semestre	Materiais de divulgação	Todo o grupo	
21/09	Montagem da mini biblioteca	Criação da mini biblioteca na associação para uso da comunidade	Duas semanas	Arrecadação de livros e estrutura para o ambiente	Todo o grupo	

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Projeto 3 fase 1,2 e 3 e Extensão
Comunidade: Santa Maria
PLANO DE TRABALHO

Grupo de Trabalho: Artesanato

Integrantes do Grupo: Daniele Oliveira, Jéssica de Freitas Medeiros, Thaline Rodrigues Oliveira, Veridyane Alves de Sousa.

Metodologia:

Pretendemos trabalhar com materiais fáceis de serem encontrados. Com o intuito de gerar renda. Incutir nas crianças (principal público, mas não único) a importância do trabalho, enquanto trabalhamos aspectos do cotidiano.

Proposta de ação/ atividade:

Trabalhar com:

- Materiais já existentes na associação (tampinhas de garrafas, tecidos, espuma para enchimento).
- Caixas de leite na confeccionar bolsas e porta moedas, entre outros.
- Garrafas pet podem, também, ser usadas de diversas formas (bolsas e decoração, por exemplo)
- Metais, como as latinhas de refrigerantes para a confecção de objetos

Em eventos (mas não somente neles) nos responsabilizamos pela decoração. Ou seja, estaremos mostrando os trabalhos feitos.

Objetivo geral:

Por meio dos trabalhos manuais atingir a geração de renda e contribuir na formação pessoal, profissional, social e escolar dos envolvidos. Faze-las participar mais na associação.

Objetivos Específicos:

- Propor que os participantes compartilhem o que já aprenderam uns com os outros, fazendo, dessa forma, que a associação sempre tenha quem ajudar e ensinar.
- Conversar sobre o que se passa da realidade dessas pessoas (sexualidade, drogas, família, estudos, desemprego, entre outros.).
- Ao expor os trabalhos feitos valorizamos e proporcionamos autoconfiança das pessoas em seus trabalhos.
- Ao se trabalhar com materiais recicláveis almejamos a conscientização do reaproveitamento das coisas e a geração de renda
- Pretendemos também, com o uso de materiais recicláveis, despertar nos envolvidos uma visão crítica para a manutenção de um ambiente sustentável, como, minimizar o consumismo desenfreado.
- Desenvolver em conjunto com o SubGt de Reforço jogos educativos com materiais recicláveis, no intuito de propiciar aulas lúdicas e instigar uma aprendizagem significativa.

Data	Ação	Metas	Tempo previsto	Recursos	Responsáveis	Observações
28/9	Sábado Animado	Chamar atenção da comunidade	10h às 14h	Arrecadação do Gt de Santa Maria	Todos	
5/10	Acolhida	Conhecer os participantes e fazer a apresentação do projeto	09h30min às 11h30min	Dinâmica de grupo;	SubGt Artesanato -	
19/10		Trabalhar o consumismo	09h30min às 11h30min	Vídeo – História das coisas	SubGt Artesanato –	Possivelmente trabalharemos junto ao SubGt de reforço
26/10	Jogo	Envolver os estudantes na criação de jogos pedagógicos para a melhoria no processo de ensino/aprendizado	09h30min às 11h30min	Materiais recicláveis, entre outros.	SubGt Artesanato -	Possivelmente trabalharemos junto ao SubGt de reforço
9/11	Oficina	Confeccionar objetos de materiais recicláveis e	09h30min às 11h30min	Materiais reciclável (plástico)	SubGt Artesanato -	

		trabalhar a temática das drogas				
16/11	Oficina	Confeccionar objetos de materiais recicláveis e trabalhar a temática da sexualidade e gravidez precoce	09h30min às 11h30min	Materiais reciclável (papel)	SubGt Artesanato -	
23/11	Oficina	Confeccionar objetos de materiais recicláveis e trabalhar a temática da família e estudos	09h30min às 11h30min	Materiais reciclável (vidro)	SubGt Artesanato -	
30/11	Oficina	Confeccionar objetos de materiais recicláveis e trabalhar a temática da renda e do desemprego	09h30min às 11h30min	Materiais reciclável (metal)	SubGt Artesanato -	
7/12	Oficina	Plantar mudas na horta da AASM e trabalhar a temática do meio ambiente	09h30min às 11h30min	Material orgânico	SubGt Artesanato -	
14/12	Fechamento	Expor todo o trabalho desenvolvido para a comunidade	Indefinido	Indefinido	Todos	

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Projeto 3 fase 1,2 e 3 e Extensão
Comunidade: Santa Maria
PLANO DE TRABALHO

Grupo de Trabalho: Esporte/Recreação

Integrantes do Grupo: Bruna Loureiro F. Paiva, Eriberto Mendes de Araujo Junior, Lorena Loureiro F. de Araújo, Lucas Loureiro F. de Araújo, Lucas Mota, Maíra Lívia Corrêa Chaves, Manoella Alves da Silva, Murillo Veloso F. Costa, Paula Braytne, Priscila S. Estevam Carvalho, Sabrina C. Souto Maior, Vitor Sales Laranjal.

Metodologia: As atividades serão promovidas abordando a importância do trabalho em grupo, nesse caso 'times', que competirão de maneira saudável e didática disponibilizando às crianças um momento de lazer e prática de exercícios físicos.

Proposta de ação/ atividade:

O grupo pretende desempenhar atividades dinâmicas através do desenvolvimento de brincadeiras (queimada, pique bandeirinha, etc.), recreações competitivas (gincanas) e jogos esportivos (futebol, vôlei e handebol).

Objetivo geral:

O objetivo será incentivar as crianças a frequentarem mais assiduamente a Associação e despertar o interesse delas para os demais projetos ofertados.

Objetivos Específicos:

Promover a boa relação interpessoal das crianças, incentivo à competição saudável e fazer com que todos se interessem pelos jogos e se divirtam.

Data	Ação	Metas	Tempo previsto	Recursos	Responsáveis	Obs
14/09	Definição dos GTs	Reunir os grupos	2 a 3 hrs	-	Todos do grupo	-
21/09	Divulgação	Convidar a comunidade	2 a 3 hrs	-	Todos do grupo	-
28/09	Recreação	Inauguração do Projeto	2 a 3 hrs	-	Todos do grupo	-
05/10	Jogos Esportivos	Futebol	2 a 3 hrs	-	Todos do grupo	-
12/10	FERIADO	-	-	-	-	-
19/10	Recreação	Queimada	2 a 3 hrs	-	Todos do grupo	-
26/10	Jogos Esportivos	Handebol	2 a 3 hrs	-	Todos do grupo	-
02/11	FERIADO	-	-	-	-	-
09/11	Recreação	Pique Bandeirinha	2 a 3 hrs	-	Todos do grupo	-
16/11	Jogos Esportivos	Vôlei	2 a 3 hrs	-	Todos do grupo	-
23/11	Oficina	Confeccionar objetos de materiais recicláveis e trabalhar a temática da família e estudos	09h30min às 11h30min	Materiais reciclável (vidro)	SubGt Artesanato -	
30/11	Oficina	Confeccionar objetos de materiais recicláveis e trabalhar a temática da renda e do desemprego	09h30min às 11h30min	Materiais reciclável (metal)	SubGt Artesanato -	

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Projeto 3 fase 1,2 e 3 e Extensão
Comunidade: Santa Maria
PLANO DE TRABALHO

Grupo de Trabalho: Reforço Escolar

Integrantes do Grupo: Ariane Rodrigues, Beatriz Vieira Laus, Luis Carlos, Fernanda Alves, Helena Frois, Yucca, Rodrigo Nunes Machado.

Metodologia: O grupo propõe primeiramente uma análise das principais dificuldades dos estudantes, os jogos didáticos têm papel fundamental neste contexto, de forma lúdica verificar pontos de atenção no processo de aprendizagem.

Após esta primeira etapa, o grupo pretende ministrar aulas expositivas mescladas com a realização de exercícios e diferentes jogos didáticos, para estimular o aprendizado.

Proposta de ação/ atividade:

O Grupo responsável pelas Oficinas de Reforço Escolar propõe as atividades descritas no cronograma abaixo. As aulas expositivas terão como base o material didático dos estudantes, entretanto o grupo elaborará algumas fichas de exercícios com base nas necessidades constatadas.

O material para a realização dos jogos didáticos será elaborado pelo grupo, como por exemplo, o tabuleiro do campeonato de matemática, as fichas nos jogos de soletração e ditado.

Ao grupo também compete elaborar temas para a Oficina de Redação, correção e Feedback para os estudantes.

Objetivo geral:

O Reforço tem como objetivo amenizar as dificuldades de aprendizado dos estudantes através de atividades diferenciadas que envolva os estudantes de forma participativa.

Objetivos Específicos:

- Exercitar a leitura,
- Exercitar a escrita, e

Mostrar que o processo de aprendizagem pode ser agradável.

Data	Ação	Metas	Tempo previsto	Recursos	Responsáveis	Observações
28/09	Cadastramento e Recepção dos estudantes	Inscriver no mínimo nove crianças	9:30 h às 11:30 h	Fichas de Inscrição	Todos os membros do Grupo	
05/10	Oficina de Leitura	Exercitar a leitura e perceber possíveis dificuldades	9:30 h às 11:30 h	Livros infantis e/ou revistas em quadrinhos	Todos os membros do Grupo	
12/10	Campeonato de tabuada	Estimular o aprendizado através de jogos didáticos	9:30 h às 11:30 h	Tabuleiro e fichas	Todos os membros do Grupo	
19/10	Jogos de Perguntas e Respostas	Estimular o aprendizado através de jogos didáticos	9:30 às 11:30	fichas	Todos os membros do Grupo	
26/10	Aula Expositiva: Reforço de Português	Dirimir dificuldades de aprendizado	9:30 às 11:30	Material escolar dos estudantes	Todos os membros do Grupo	
02/11	Aula Expositiva: Reforço de Matemática	Dirimir dificuldades de aprendizado	9:30 às 11:30	Material escolar dos estudantes	Todos os membros do Grupo	
09/11	Aula Expositiva: Reforço de Inglês	Dirimir dificuldades de aprendizado	9:30 às 11:30	Material escolar dos estudantes	Todos os membros do Grupo	
16/11	Ficha de Exercícios: Reforço de Português	Dirimir dificuldades de aprendizado	9:30 às 11:30	Ficha de Exercícios	Todos os membros do Grupo	
23/11	Ficha de Exercícios: Reforço de Matemática	Dirimir dificuldades de aprendizado	9:30 às 11:30	Ficha de Exercícios	Todos os membros do Grupo	
30/11	Ficha de Exercícios: Reforço de Inglês	Dirimir dificuldades de aprendizado	9:30 às 11:30	Ficha de Exercícios	Todos os membros do Grupo	
07/12	Campeonato de Soletração	Estimular o aprendizado através de jogos didáticos	9:30 às 11:30	Fichas com palavras previamente	Todos os membros do Grupo	

				selecionadas		
14/12	Oficina de Redação	Exercitar a escrita	9:30 às 11:30	Temas Propostos para Redação	Todos os membros do Grupo	

*Vale lembrar que o atual cronograma pode vir a ser modificado a depender da necessidade do Gt e dos participantes da AASM.
